

SOCIOLOGIAS PRAGMÁTICAS E CULTURA DIGITAL

Tiago Barcelos Pereira Salgado

*SOCIOLOGIAS PRAGMÁTICAS
E CULTURA DIGITAL*

Tiago Barcelos Pereira Salgado

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor
Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Vice-reitor
Penildon Silva Filho



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA BAHIA

Diretora
Susane Santos Barros

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Brum Novaes
Angelo Szaniecki Perret Serpa
Caiuby Alves da Costa
Charbel Niño El-Hani
Cleise Furtado Mendes
Evelina de Carvalho Sá Hoisel
Maria do Carmo Soares de Freitas
Maria Vidal de Negreiros Camargo

COLEÇÃO 
Cibercultura 

EDITORES

Editor

Prof. Dr. André Lemos
Editor Associado
Prof. Dr. José Carlos Ribeiro
Editor Científico
Prof. Dr. Edson Dalmonte

COMISSÃO EDITORIAL

Adriana Amaral, UNISINOS
Alê Primo, UFRGS
Eduardo de Jesus, PUC-MG
Eduardo Pellanda, PUC-RS
Eduardo Vizer, Unisinos
Fabio Duarte, PUC-PR
Fabio Fernandes, PUC-SP
Fabio Malini, UFES
Fatima Regis, UERJ
Fernanda Bruno, UFRJ
Fernando Firmino, UEPB
Gisele Beiguelman, USP
Jamil Marques, UFC
Lidia Oliveira, UA, PT
Lucia Santaella, PUC-SP
Luis Adolfo Andrade, UNEB
Lynn Alves, UNEB
Macello Medeiros, UFRB
Marco Silva, UERJ
Marco Toledo Bastos, USP
Marcos Palacios, UFBA
Massimo di Felice, USP
Nelson Pretto, UFBA
Paulo Serra - Beira Interior, PT
Raquel Recuero, UCPEL
Rob Shields, University of Alberta, Canadá
Rodrigo Firmino, PUC-PR
Sandra Montardo, FEEVALE
Sandra Rubia, UFSM
Sergio Amadeu, UFBA
Simone Pereira de Sá, UFF
Sueli Frago, UFRGS
Vinicius Andrade Pereira, UERJ

COLEÇÃO 
Cibercultura 

SOCIOLOGIAS PRAGMÁTICAS E CULTURA DIGITAL

Tiago Barcelos Pereira Salgado

Salvador • Edufba • 2022

2022, Tiago Barcelos Pereira Salgado.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.

Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Analista editorial

Mariana Rios

Coordenação gráfica

Edson Nascimento Sales

Coordenação de produção

Gabriela Nascimento

Projeto gráfico

Amanda Lauton Carrilho

Revisão

Equipe Edufba

Normalização

Emmanoella P. Ferreira

Sistema Universitário de Bibliotecas - UFBA

Salgado, Tiago Barcelos Pereira.

Sociologias pragmáticas e cultura digital / Tiago Barcelos Pereira Salgado. - Salvador : EDUFBA, 2022.

75 p.: 16 x 23 cm - (Coleção Cibercultura LAB404)

ISBN: 978-65-5630-420-5

1. Comunicação e Cultura. 2. Pragmatismo - Filosofia. 3. Sociologia do conhecimento. I.Título.

CDD - 306.42

Elaborada por Jamilli Quaresma

CRB-5: BA-001608

Editora filiada à



Editora da UFBA

Rua Barão de Jeremoabo

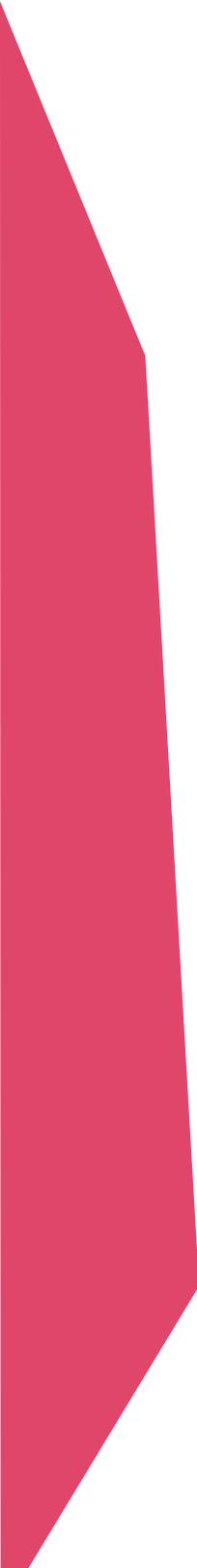
s/n - Campus de Ondina

40170-115 - Salvador - Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164

<http://www.edufba.ufba.br/>

edufba@ufba.br



SUMÁRIO

Introdução	7
Sociologias Pragmáticas Francesas	11
Pragmatismo e Pragmática - visadas da ação	19
Teoria Ator-Rede	31
Sociologia Política e Moral	36
Sociologia Pragmática e Reflexiva	40
Redes sociotécnicas e cultura digital	43
Redes e rastros	44
Redes sociais on-line	51
Ações comunicacionais on-line	55
Conclusão	59
Referências	63

As diversas ações de humanos e de não humanos compõem o mundo. Reconhecer essa pluralidade de ações e de atores é algo que passa a ser pensado na Comunicação de maneira mais enfática com a inserção e a retomada da Teoria Ator-Rede (TAR) por essa área de conhecimento durante o ano de 2010. Certamente que outras correntes teóricas, como a Semiótica elaborada por Charles Sanders Peirce, já se dedicavam à ação de não humanos, como os animais, e consideravam a capacidade de raciocínio deles.

Esse tratamento híbrido das ações para se pensar o comunicacional foi o que eu chamei de “virada não humana na Comunicação”, em um artigo publicado em 2018, escrito logo após a defesa de minha tese. (SALGADO, 2018a) Essa pesquisa doutoral se dedicou aos fundamentos pragmáticos das Sociologias Pragmáticas Francesas para a análise de redes sociais on-line, com foco na TAR. De fato, o início desse doutoramento resultou de uma inquietação quanto ao tratamento dos processos comunicacionais como exclusivos dos humanos. Naquela época, com base em leituras de autores e de autoras filiados à TAR, o referido doutorado questionou o antropocentrismo que prioritariamente dominava as tradicionais concepções de comunicação no Brasil.

Este livro é fruto da investigação que conduzi na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) entre 2014 e 2018, período no qual realizei o doutorado. Em 2016, durante a realização de estágio doutoral (doutorado sanduíche) na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), em Paris, na França, fui orientado pelo prof. dr. Francis Chateauraynaud. Esse sociólogo francês concebeu sua própria perspectiva, nomeada por ele mesmo de Sociologia Pragmática e Reflexiva. Essa vertente é um dos ramos das Sociologias Pragmáticas Francesas ou Novas Sociologias, das quais a TAR também é um ramo. O terceiro ramo é a Sociologia Política e Moral, desenvolvida também na EHESS.

Nessa instituição, conheci o Pragmatismo francês, que me foi apresentado por minha amiga e colega de doutorado na época, Tacyana Arce. De volta ao Brasil ao final de 2016, decidi me dedicar às Sociologias Pragmáticas Francesas, uma vez que elas questionavam a tradição sociológica anterior que considerava o social e a sociedade como entidades definidas exclusivamente pelas

ações humanas. Esse modo de pensar sociológico impactou fortemente a tradição de estudos e pesquisas em Comunicação no Brasil, sobretudo aquelas dedicadas à cultura digital, às redes sociais on-line e aos objetos técnicos. As Novas Sociologias me possibilitaram, então, rever a noção de comunicação e reformulá-la em consonância com outros dois temas que me interessavam e aos quais me dediquei naquele momento: as redes sociais on-line e as ações comunicacionais realizadas nelas.

De fato, a implementação de redes sociais on-line e a ampliação do acesso à internet, durante os anos 2000 e 2010, direcionaram o meu olhar para investigar quais são as ações realizadas em ambientes on-line e em que medida elas podem ser consideradas como comunicacionais. Para isso, precisei rever a ideia de ação pensada desde a Antiguidade, sobretudo tal como foi elaborada pelos gregos, até a Modernidade, com o advento dos meios de comunicação e informação no início do século XX. Chegando à cultura digital, marcada pelos algoritmos e pelas trocas informacionais binárias (dígitos), entendi que há uma estreita ligação entre ações humanas e ações não humanas, pois acionar comandos em computadores e celulares não implica apenas uma decisão que parte de um sujeito cognoscente. Trata-se de uma ação híbrida, distribuída entre humanos e não humanos – botões, materialidades, fórmulas matemáticas, textualidades etc.

Nesse sentido, as ações comunicacionais on-line são ações conjugadas entre diversos atores. Esses agentes não se limitam a obedecer às decisões humanas de apertar um botão ou de ligar um equipamento. Ao longo desta obra, isso ficará mais evidente em alguns exemplos apresentados no segundo capítulo, que são recuperados de publicações escritas juntamente com outros colegas e outras colegas durante o doutorado. Na medida do possível, para preservar a autenticidade das referências, mantive-as no idioma original. Por outro lado, sempre que houvesse uma tradução para o português, optei por utilizá-la, a fim de viabilizar a leitura por parte de um maior número de leitores brasileiros e de leitoras brasileiras. Eu mesmo traduzi alguns dos textos citados neste livro. Igualmente, busquei complementar, ampliar e aprofundar o texto de minha tese com artigos escritos após a defesa e outras leituras que fiz de lá para cá.

Desse modo, apresento este livro como síntese do trabalho que tenho desenvolvido nos últimos nove anos. Esta obra visa a introduzir as Sociologias Pragmáticas com foco naquelas desenvolvidas na França no final dos anos 1970 e no início dos anos 1980: a TAR, a Sociologia Política e Moral e a Sociologia

Pragmática e Reflexiva. Igualmente, a obra busca destacar as perspectivas sobre as noções de ação e de social tratadas por essas sociologias a fim de relacioná-las com a cultura digital, abordando nesse último contexto as ações comunicacionais on-line em redes sociotécnicas – consideradas neste trabalho como redes sociais on-line). Cabe frisar que o foco deste livro recai sobre a TAR, abordagem sobre a qual dedicamos mais páginas.

O primeiro capítulo, “Sociologias Pragmáticas Francesas”, trata das abordagens pragmatistas e pragmáticas da ação, com foco específico nas três abordagens sociológicas pragmáticas francesas, caracterizando cada uma conforme o tratamento dado à ação e ao social. O segundo capítulo, “Redes sociotécnicas e cultura digital”, aborda as relações possíveis entre redes, rastros e agências conforme as abordagens apresentadas no capítulo anterior, destacando aspectos conceituais e metodológicos que possam contribuir para outras investigações, com exemplos e casos. Ao final, o capítulo destaca as ações comunicacionais on-line com uma espécie de tipologia fundamentada em uma perspectiva não antropocêntrica de comunicação.

Como um texto é um conjunto de relações, eu não poderia deixar de agradecer a André Lemos e ao Lab 404 pelo convite para escrever este livro. André foi membro da banca de defesa de minha tese e trouxe contribuições importantes para eu revisar e aperfeiçoar as minhas ideias. Também sou grato a Tacyana Arce, que me introduziu às Sociologias Pragmáticas Francesas e me ajudou no contato com Francis Chateauraynaud na França. Por fim, agradeço aos dois pareceristas que avaliaram esta obra e muito generosamente contribuíram para o aperfeiçoamento de minha escrita e evidenciação dos argumentos apresentados.

[9]

Sociologias Pragmáticas Francesas

Diferentes modos de conceber as ações que compõem o social passaram a ganhar corpo no final dos anos 1970 e no início dos anos 1980, na França. Essas distintas maneiras de pensar as ações no mundo, estendendo-as aos não humanos, impactaram o entendimento do que era o social e a sociedade. De fato, um conjunto de outros olhares para a realidade ganhou espaço naquele período no contexto das Ciências Sociais, especificamente no campo da Sociologia. Philippe Corcuff (2001) nomeou Novas Sociologias esse grupo de abordagens sociológicas que se dedicaram a compreender as ações, o social e a sociedade de maneira distinta das correntes sociológicas que as precederam, tratando tanto os humanos quanto os não humanos como atores que produzem o social e a realidade, que resultam de suas ações.

Mohamed Nachi (2006) designou o mesmo conjunto voltado para as ações como Sociologia Pragmática Francesa, composta por três ramos: a TAR (Bruno Latour, Michel Callon, John Law, Antoine Hennion, Madeleine Akrich, Annemarie Mol), a Sociologia Política e Moral (Luc Boltanski, Laurent Thévenot e Michael Pollak) e a Sociologia Pragmática e Reflexiva (Francis Chateauraynaud e Josquin Debaz). A recomendação em adotar o termo “Sociologias Pragmáticas Francesas” no plural me foi feita por Francis Chateauraynaud, expoente da terceira vertente, de modo a atentar para a diversidade de abordagens inscritas sob essa mesma rubrica. Essas vertentes, como pontua Hennion (2013), ainda que semelhantes quanto a privilegiar as situações problemáticas que fabricam o mundo em suas investigações, possuem seu próprio modo de compreender as ações e os atores. Estes fabricam o social, o qual não está dado de antemão.

A distinção das Novas Sociologias ou Sociologias Pragmáticas Francesas em relação às sociologias anteriores se encontra na compreensão plural da ação. (NACHI, 2006) O termo grego *pragma* se refere aos termos “ação” e “fazer”, em português. O pensamento grego antigo, conforme Andrade (2000), não diferencia quem age (sujeito) e quem sofre a ação (objeto), pois o agir, o pensar e o ser estão em consonância. A dicotomia sujeito e objeto é moderna, sendo criticada pelas Sociologias Pragmáticas Francesas, sobretudo pela TAR, a ser retomada adiante.

[11]

A dimensão pragmática das Novas Sociologias Francesas evidencia-se pelo foco atribuído à ação, isto é, ao fazer de diversos elementos que agem no mundo. Essas sociologias, então, compreendem que as ações são realizadas por múltiplos atores, não sendo, portanto, de todo intencionais ou individuais, mas coletivas e híbridas. Não há um ponto de origem específico da ação, que recairia sobre um ator singular. Os diversos atores não se limitam aos seres humanos, mas igualmente incluem não humanos, como minerais, vegetais, animais, documentos, gráficos, depoimentos, sentimentos, equipamentos e uma miríade de outros elementos não humanos.

Por outro lado, as vertentes sociológicas precedentes, elaboradas por Émile Durkheim (1858-1917), Max Weber (1864-1920), Georg Simmel (1858-1918), Norbert Elias (1897-1990) e Pierre Bourdieu (1930-2002), privilegiaram o agir humano, sobredeterminado pela estrutura social. Tais Sociologias do Social – termo utilizado por Bruno Latour (2012) –, em certa medida, são herdeiras da concepção de ação elaborada por Aristóteles (384-322 a.C.), bem como da relação entre ética, moralidade e racionalidade desenvolvida por ele nas obras *Poética* e *Ética a Nicômaco*. Para tal filósofo grego, de acordo com Borges Júnior (2019), o significado da ação se resguarda na esfera do humano e em suas operações ao se relacionar com o domínio particular da razão. Desse modo, apenas o ser humano age porque é dotado de razão, qualidade esta que o diferencia dos animais (não racionais). Qualquer comportamento fora da razão não é considerado como ação.

[12] Trata-se de uma visão antropocêntrica que concebe o humano como epicentro do universo e como ser que age sobre a natureza, moldando-a e transformando-a por meio da técnica. A *práxis*, termo grego que também denota “ação”, delimita o fazer estritamente humano e racional em contraste com a ação sem natureza moral, a *energéin*. (BORGES JÚNIOR, 2019)

Outro filósofo grego, Demócrito de Abdera (460 - 370 a.C.), também influenciou as teorias sociais liberais e as teorias científicas modernas. Segundo a concepção metafísica atomista proposta por ele, o mundo é composto por entidades individualmente determinadas com propriedades separadamente imputáveis. Demócrito igualmente se aprofundou em questões democráticas e suas implicações éticas e antropológicas. (BARAD, 2017)

As Sociologias do Social também são herdeiras da proposta filosófica racionalista moderna de René Descartes (1596-1650) a respeito da ação, tomando

o humano como sujeito (aquele que age, ativo) e o não humano como objeto (aquele que sofre a ação, passivo). O legado moderno se encontra, ainda, nas proposições de Immanuel Kant (1724-1804), para quem o conhecimento se dá por meio de um sujeito cognoscente (conhecedor), eminentemente humano, e um objeto cognoscível (o conhecido). Essa visada antropocêntrica moderna é nomeada por Quentin Meillassoux (2008) de “correlacionismo”.

Outro trabalho se aprofunda nessa tradição moderna e suas implicações na compreensão da realidade social conforme os argumentos de Graham Harman e sua visada realista especulativa conhecida como Ontologia Orientada aos Objetos (OOO). (SALGADO, 2018a) Interessa retomar três tipos básicos de conhecimento sintetizados por Harman (2011, 2013): *undermining* (subdeterminação), *overmining* (sobredeterminação) e *duomining* (dupladeterminação). Em certa medida, essas três abordagens sintetizam as perspectivas sociológicas de compreensão das ações e do social que antecedem as Sociologias Pragmáticas Francesas.

A primeira abordagem, o *undermining*, trata os objetos – elementos do mundo – como redes de relações prévias e como rasos demais para serem a própria realidade. Esse pensamento reduz os elementos aos seus componentes mais básicos, como acrescentam Pinho e Harman (2019), sempre havendo um substrato fundamental que possa explicar a ação dos atores. Émile Durkheim e outros autores estruturalistas, como Claude Lévi-Strauss (1908-2009), e funcionalistas, como Talcott Parsons (1902-1979) e Robert K. Merton (1910-2003), integram essa vertente.

Com efeito, Durkheim formula que a ação dos indivíduos é determinada por uma espécie de consciência coletiva que, baseada em sua força coercitiva, imprime sobre tais indivíduos maneiras de agir e pensar próprias. A ação é tomada como movimento que vem do exterior para o indivíduo, tendo pouca ou nenhuma influência sobre essa constituição coletiva e coercitiva. (BORGES JÚNIOR, 2019)

Na esteira aristotélica, cartesiana e kantiana, Max Weber define a ação como a conduta humana baseada em um sentido subjetivo que lhe é atribuído pelo humano que a realiza e a orienta. (BORGES JÚNIOR, 2019) Para o sociólogo alemão, a ação adquire o estatuto de ação social quando considera e dota de sentido as ações de outros humanos individuais e conhecidos, ou mesmo de grupos heterogêneos e conhecidos. (QUINTANEIRO; OLIVEIRA BARBOSA;

OLIVEIRA, 2017; VIANA, 2007) Assim, os humanos agem sobre os sentidos conferidos às ações de outros humanos, por meio da racionalidade, que direciona a interpretação daqueles sentidos.

Outro pai da Sociologia, juntamente com Durkheim e Weber, Karl Marx (1818-1883) também pode ser situado como um autor do *undermining*, pois buscou uma cadeia explicativa básica por trás dos fenômenos, como afirma Borges Júnior (2019). Em suma, além de reduzir os aspectos mais elementares, uma das características do *undermining* é a tendência em reduzir a realidade a uma ideia, a um conceito ou a algum artifício de linguagem. Ao envolver um circuito interpretável, por meio do uso de termos, conceitos e classificações, esse tipo de pensamento pode ser nomeado e inscrito dentro de uma cadeia simbólica previsível.

O segundo tipo de conhecimento, o *overmining*, considera os elementos como importantes porque manifestos à mente humana, tão profundos e insuficientes para constituírem a realidade. Para essa corrente, “[a] ação nada mais é do que os vínculos que estabelece num circuito de trocas, diálogos e interações, não existindo nada de sólido ou singular escondido nos bastidores. Não existe nada por trás, mas sempre um ‘entre’, um constante movimento prático e horizontal”. (BORGES JÚNIOR, 2019, p. 132) Autores que são influenciados pelo Pragmatismo e pelo Vitalismo – a importância da alma para distinguir vivos e não vivos – integram esse ramo, como William James, Bruno Latour, Tim Ingold, Donna Haraway, e outros teóricos da virada linguística, como Ludwig Wittgenstein, John Austin e Richard Rorty.

A terceira via de pensamento considerada por Harman (2013) é o *duomining*, que busca combinar o *undermining* e o *overmining*. Dela participam Pierre Bourdieu, Anthony Giddens e Jürgen Habermas, conforme Borges Júnior (2019). Bourdieu, em sua visada crítica da Sociologia (Sociologia Crítica), com base nas noções de *habitus* e “campo”, integra, de modo objetivista, ação e estrutura – noções que demarcam a definição do objeto de estudo da Sociologia para ele. (VANDENBERGHE, 2010) Para Nachi (2006), Bourdieu é estruturalista por considerar que as possibilidades de execução de ações estariam dadas *a priori* pela estrutura social. Todavia, o próprio Bourdieu afirma não se incluir na corrente estruturalista, apresentando dois motivos para tanto: “[...] primeiro porque estou separado dela por uma geração escolar (fui aluno deles) e também porque rejeitei o que me pareceu ser uma moda [...]”. (BOURDIEU, 2004, p. 16) Esse

[14]

sociólogo francês também demarca que, apesar de aplicar o “modo de pensamento estrutural ou relacional na sociologia, resistiu com todas as forças às formas mundanas do estruturalismo”. (BOURDIEU, 2004, p. 18)

Se há alguma aproximação possível entre Bourdieu e as disposições intelectuais de gerações estruturalistas, como Louis Althusser (1918-1990) e Michel Foucault (1926-1984), essa relação se encontra no fato de ele não ter aceitado o Existencialismo presente na década de 1950, época do auge da Fenomenologia, como destacam Martinez e Campos (2015). Essa autora e esse autor também frisam que Bourdieu se dedicou a investigar as práticas sociais ou o engendramento delas, estabelecendo uma dialética entre os indivíduos e as estruturas sociais.

Na perspectiva de Thiry-Cherques (2006, p. 27-28), “Bourdieu erige uma variante modificada do estruturalismo. Ele se esforça para encontrar tramas lógicas ou problemáticas que evidenciam a presença de uma estrutura subjacente ao social”. Nesse sentido, Bourdieu segue na tradição de Ferdinand de Saussure (1857-1913) e de Claude Lévi-Strauss (1908-2009), aceitando a existência de estruturas objetivas que independem da vontade e da consciência dos atores. O primeiro se difere destes dois últimos pois defende que essas estruturas resultam de uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação. Rezende (1999), a seu turno, sustenta que Bourdieu, ainda que se utilize da noção central de estrutura em suas formulações teóricas e metodológicas, é estruturalista ao seu modo, ao criticar o Estruturalismo antropológico presente em Lévi-Strauss para elaborar sua Teoria da Prática. Assim, podemos dizer que Bourdieu é um estruturalista crítico que, conforme Bender e Coelho (2018), não deveria ser categorizado como pós-estruturalista.

Anthony Giddens também rejeitaria a denominação de pós-estruturalista, como sustentam os dois últimos autores. Ao mesmo tempo, Giddens também não seria propriamente um estruturalista, mas um estruturalista crítico, com propomos denominar. O foco de análise de sua perspectiva socioantropológica recai nos atores em detrimento de suas ações, pois a Sociologia se pergunta quais são os atores que produzem o social, como eles agem (quais são as suas ações) e o que os permite agir (a estrutura social). (GIDDENS; TURNER, 1999)

Com base em diferentes referenciais teóricos de variadas áreas do conhecimento, Giddens elabora a Teoria da Estruturação, que não deve ser confundida com uma teoria estruturalista – “a qual entende que as propriedades estruturais

da sociedade formam influências coercitivas sob a ação” (BENDER; COELHO, 2018, p. 67) –, uma vez que objetivou compreender “as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo, bem como entender como se mantêm estáveis as relações sociais e a reprodução das práticas sociais”. (BENDER; COELHO, 2018, p. 66) Desse modo, Giddens reavalia a dicotomia indivíduo/sociedade presente no contexto da teoria sociológica até o final dos anos 1960 (Funcionalismo e Estruturalismo), propondo que são as atividades humanas que constituem a própria estrutura.

Antes de prosseguir, é preciso evidenciar rapidamente que Jürgen Habermas (1929-atual) elabora a Teoria da Ação Comunicativa. Nessa proposta, o discurso é o elemento fundamental da interação racional entre indivíduos com a finalidade de alcançar o entendimento mútuo baseado em consenso cultural anterior. (HABERMAS, 1984)

Dito isso, cabe considerar que as Sociologias Pragmáticas Francesas se aproximam da prática de *overmining* ao buscarem observar as associações estabelecidas pelas ações de atores plurais e os efeitos dessas ações produzidas no mundo e produzindo mundos. Tais sociologias, então, rompem com as vertentes das Sociologias do Social, que concebem o social como estrutura prévia à ação de atores e rejeitam qualquer predeterminação estruturalista que subsista às ações. Para as Novas Sociologias, o social não antecede as ações, mas é feito e refeito pelas ações de múltiplos atores. Trata-se de uma proposta pragmática, pois procura “ver as coisas como relações” e menos “ver as relações entre as coisas”. (STRATHERN, 1996, p. 19 apud VANDENBERGHE, 2010, p. 174) A próxima seção retoma essa dimensão pragmática e discute estreitas relações e as distinções entre Pragmática e Pragmatismo.

Por ora, cabe retomar uma proposta de classificação dos modelos gerais da Sociologia resumidos por Selgas (2015), com semelhanças ao modelo de Harman (2013), para fins de elucidação e aprofundamento nas vertentes sociológicas do social. Os três modelos apresentados por Selgas (2015) são o modelo atomista, o modelo estrutural e o modelo de fluxos. O primeiro, mais antigo e longo, remonta a Aristóteles – e Demócrito também pode ser incluído nele, como explicitado antes. O modelo atomista apreende o social como agregado e afirma que este remete à substância individual, ou seja, ao indivíduo. Esse esquema dialoga com o humanismo moderno, pautado na racionalidade humana, por meio da linguagem, e tem raízes tanto na hermenêutica quanto na Sociologia

[16]

elaborada por Max Weber. Em síntese, as ações sociais só podem ser conhecidas com base nos efeitos agregados das ações individuais e das interações micro-sociais, inscritas na dimensão macrossocial. Esse modelo se desdobra, segundo Selgas (2015), no Interacionismo Simbólico (G. H. Mead e Erving Goffman) e na Etnometodologia (Harold Garfinkel).

O modelo estrutural assimila, por sua vez, o social como sistema. A sociedade é vista como totalidade autônoma a ser explicada por si mesma. O fundamento desse modelo está em Claude-Henri de Rouvroy, ou Conde de Saint-Simon (1760-1825), e em Auguste Comte (1798-1857), dos quais se desdobram os estruturalismos e os funcionalismos, conforme alega Selgas (2015). Para esse autor, nas origens do modelo estrutural, encontram-se as visadas holísticas (concebem a realidade como um todo) de Adam Smith (1723-1790) e de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) – pela metáfora do organismo, que entende a sociedade como um sistema, um Estado-Nação, um conjunto institucional. Para a visada estruturalista, o social está situado além dos indivíduos, mas não separado deles e como seu determinante. Ele é identificado como estrutura, como sistema ou forma de relações, posições, oposições, distinções e diferenciações, que condiciona ou possibilita tanto a si mesmo como o individual. De acordo com Selgas (2015), o modelo estrutural baseia-se nos trabalhos de autores como Émile Durkheim, Talcott Parsons, Niklas Luhmann, Anthony Giddens e Pierre Bourdieu.

Distintamente dos outros dois modelos, segundo Selgas (2015), a TAR, integrante das Sociologias Pragmáticas Francesas, é um modelo de fluxos, uma vez que toma o social como agrupamento circunstancial de ações, de movimentos e de deslocamentos de atores. Em meio ao fluxo de ações (leia-se dinâmica), a ideia de reagregar o social, tal como proposta por Latour (2012), contrapõe-se aos dois outros modelos, que tendem a fracionar (atomizar) a sociedade e o social (estruturas).

Para encerrar este panorama geral, é válido, ainda, destacar em que se pode reconhecer a Sociologia Pragmática, tal como se debruça Corrêa (2021). Em outros termos, esse autor busca enfatizar o que a Sociologia Pragmática trouxe de novo para o debate da teoria social com base em três gestos. O primeiro é o gesto metafísico, de inversão da Sociologia proposta por Durkheim. O que os sociólogos pragmáticos fazem é partir de uma ideia mais ampla, inclusiva e determinante de social ou de sociedade. Trata-se de uma proposta que

visa a não excluir da ideia de social absolutamente nada de antemão e que se abre para pensar composições complexas e heterogêneas daquilo que comumente chamamos de sociedade. Igualmente, concerne a uma proposição que intenta não reduzir o social ou a sociedade apenas à ordem humana, mas incluir as ações de objetos, dispositivos sociotécnicos e demais entidades não humanas de modo geral.

As Sociologias Pragmáticas Francesas buscam, nesse sentido, um pluralismo ontológico, como destaca Corrêa (2021). No entanto, esse mesmo esforço acaba por ocasionar uma abertura máxima de possíveis sem resolver a questão de como conhecer o que é pertinente para os atores pesquisados. Assim, essa liberalidade ontológica precisa “[...] corresponder a uma atenção particular às determinações e definições que os atores produzem acerca de si mesmos e do mundo”. (CORRÊA, 2021, p. 2) Isso leva ao segundo gesto.

O gesto epistemológico de delegação implica o trabalho sociológico de considerar os critérios de definição do que é pertinente, justo, real, verdadeiro e autêntico aos atores investigados, de modo que eles possam falar por eles mesmos. Trata-se de reconhecer a capacidade de ação de diferentes atores (humanos ou não) e a pertinência e a relevância de suas definições como igualmente válidas, tais como as dos sociólogos que os pesquisam. Nesse sentido, a experiência dos atores em ação tensiona os conhecimentos prévios dos investigadores e produz novos saberes.

Por fim, o terceiro gesto, metodológico, corresponde à seleção e ao enquadramento de situações ou momentos indeterminados (provações) para aqueles ou aquilo que se busca conhecer. Esse gesto metodológico pode ser chamado de heurística das indeterminações, dos momentos críticos, das situações problemáticas, das controvérsias, dos casos ou dos alertas, conforme sumariza Corrêa (2021). Essa opção metodológica em se concentrar nas situações incertas e indeterminadas se justifica pelo entendimento de que o que é fundamental para os atores investigados tende a ser explicitado por eles e pelos pesquisadores.

Essa exposição geral de basicamente três movimentos que podem ser identificados nas diferentes correntes sociológicas buscou evidenciar em que medida as Novas Sociologias ou Sociologias Pragmáticas Francesas se diferem daquelas que as antecedem. Grosso modo, as vertentes sociológicas do social privilegiam as ações humanas em detrimento das não humanas, posto serem os humanos dotados de razão, intencionalidade e capacidade interpretativa,

cabendo apenas ao sujeito humano conhecer os objetos inanimados do mundo. As Novas Sociologias rejeitam os binarismos modernos diferenciadores “sujeito e objeto”, “humano e não humano”, a fim de alargarem a ideia de social, de modo a incluírem a maior diversidade de ações e de atores possível. Esse é o fundamento pragmático das Sociologias Pragmáticas Francesas.

Pragmatismo e Pragmática – visadas da ação

As Sociologias Pragmáticas Francesas são indiretamente influenciadas pelo Pragmatismo norte-americano, segundo Stavo-Debaugé (2012). De acordo com Nascimento (2011), o Pragmatismo é a ética prática, ou seja, a adaptação do conhecimento à finalidade moral, aos fins da vida prática, do agir, conforme a antropologia pragmática proposta por Kant.

O Pragmatismo, como Filosofia da Ação, tem sua origem nos Estados Unidos, durante os anos 1870, e reúne, conforme Pogrebinschi (2005) e Nascimento (2011), cientistas de campos diversos informalmente agrupados no Clube Metafísico (*Metaphysical Club*). Filósofos como Charles Sanders Peirce, William James, Oliver Wendell Holmes Jr. e Nicholas Saint John Green integravam esse grupo. Na tradição de contestação da metafísica, que separava pensamento e mundo, o referido grupo adota a autodenominação de Clube Metafísico como uma proposta “desafiadora” e, em certa medida, “irônica”, “já que nos primeiros anos de 1870 a metafísica era considerada fora de moda”. (DE WAAL, 2007, p. 19)

Charles Sanders Peirce (1839-1914) é o fundador do Pragmatismo, conforme Pogrebinschi (2005) e Nascimento (2011). Ele também se dedicou à Lógica, de modo específico, e à Filosofia, como um todo, sendo mais conhecido pela formulação da Semiótica, isto é, o estudo dos signos. Peirce chega ao Pragmatismo ao refletir sobre a obra *Crítica da Razão Pura*, escrita por Kant. Com base nesse livro, Peirce define a abordagem pragmatista como o “estar em relação com algum objetivo humano”. (PEIRCE 1983 apud NASCIMENTO, 2011, p. 2) Essa definição se diferencia dos racionalismos e dos idealismos da filosofia continental daquela época. Peirce adota a sua própria abordagem para “caracterizar que a verdade é uma questão de correspondência e coerência entre os fatos e as nossas crenças”. (NASCIMENTO, 2011, p. 3)

Na concepção de Peirce, tomada de empréstimo do filósofo escocês Alexander Bain (1818-1903), de acordo com Nascimento (2011), a ação é orientada pelas crenças – hábitos de ação. Ao se questionar sobre o que é a crença, Peirce (1993, p. 56) afirma que ela é

a meia-modulação que encerra uma frase musical na sinfonia de nossa vida intelectual. Vimos que é dotada de três propriedades: Primeiro, é algo de que estamos cientes; segundo, aplaca a irritação da dúvida; e, terceiro, envolve o surgimento, em nossa natureza, de uma regra de ação, ou, digamos com brevidade, o surgimento de um hábito. Na medida em que aplaca a irritação da dúvida, que é o motivo de pensar, o pensamento diminui sua tensão e, ao atingir a crença, repousa por um momento. Como, entretanto, a crença é uma regra de ação, cuja aplicação envolve mais dúvida posterior e posterior reflexão, constitui-se, ao mesmo tempo, em ponto de escala e novo ponto de partida para o pensamento. Tal a razão por que eu me permiti chamar-lhe pensamento em repouso, apesar de o pensamento ser, essencialmente, ação. O remate final do pensamento é o exercício da volição, de que o pensamento já não faz parte; mas a crença é apenas um estágio de ação mental, um efeito sobre nossa natureza produzido pelo pensamento que influenciará a reflexão futura.

[20]

Em outras palavras, Peirce concebe que as crenças são produzidas pelo pensamento, as quais correspondem, então, a um estágio final do ciclo do processo de pensar e às tendências para agir. Essas tendências são tratadas como hábitos e, por sua vez, são produzidas pelas crenças. A vontade ou volição se apresenta como questão distinta ou posterior à problemática que origina a abordagem pragmatista de Peirce. Assim, no escopo do Pragmatismo elaborado por ele, parece haver muito mais conexões entre pensamento, crença e hábito do que entre crença, vontade e hábito.

O Pragmatismo, proposto por tal filósofo, pode ser dividido em dois momentos, como defende Nascimento (2011): o primeiro, antes da virada do

século XIX para o século XX, e o segundo, depois dessa transição. No primeiro momento, Peirce formula o Pragmatismo como critério de significação, diferenciando-se da vertente que é levada a cabo por William James (1842-1910), a qual se baseia na concepção de “verdade”. A doutrina pragmática afirma, em linhas gerais, que “as nossas crenças são, na verdade, regras de ação, pois, para evidenciarmos o nosso pensamento, é preciso conhecer os efeitos práticos positivos dos objetos sobre as condutas humanas”. (NASCIMENTO, 2011, p. 5) A influência mútua das coisas sobre outras coisas, quer dizer, a diferença que algo faz para outro algo, é aquilo que torna as coisas reais, conforme formulam Peirce, em *Escritos filosóficos de Peirce (Philosophical Writings of Peirce)*, e James, em *Pragmatismo (Pragmatism)*. (HARMAN, 2018) Ao nosso ver, Bruno Latour se fundamenta nessa proposição pragmática mais próxima de James para cunhar a noção de “mediação”, então utilizada pela TAR, retomada adiante.

No segundo momento, cerca de 20 anos depois, de acordo com Pogrebinski (2005) e Nascimento (2011), Peirce adota o termo “pragmaticismo” para diferenciar a abordagem pragmática que propunha das demais em voga no período, sobretudo daquela divulgada por James, que se fundamenta na Teoria da Verdade. William James segue com o nome “Pragmatismo” e é o responsável por divulgá-lo em larga escala, sendo o primeiro a utilizá-lo de forma impressa. Enquanto Peirce formulou o Pragmatismo como método para qualificar os significados das proposições, amparando-se na semiótica do conhecimento, James ampliou o significado da noção de “verdade”, que corresponde ao que é vantajoso, ou seja, útil, prático ao pensamento, ou mesmo àquilo que gera uma relação satisfatória com a realidade. [21]

John Dewey (1859-1952) é outro nome importante do Pragmatismo. Ele não integrou o Clube Metafísico. Enquanto seus contemporâneos pragmatistas se dedicaram à Filosofia, Dewey se engajou em seu projeto educacional. Como ressalta Nascimento (2011), antes mesmo de aderir ao Pragmatismo Filosófico iniciado por Peirce e divulgado por James, Dewey já poderia ser considerado um filósofo pragmatista, por aplicar as noções de “ação” e de “atividade” em sua Filosofia da Educação. Dewey iniciou sua produção no início do século XX, abordando temas dedicados às questões metafísicas, sociais, políticas, educacionais, artísticas e religiosas, por meio de noções como “experiência” e “públicos”, diretamente relacionadas à Educação e à Pedagogia. A noção de “experiência” é central na obra de Dewey e explicita a concepção de “ação” para esse pensador.

De acordo com Dewey (2010), a experiência diz respeito à mútua afetação e transação (relação) de atores com o ambiente em que eles estão.

Como sintetiza Nascimento (2011), para Dewey,

Tudo que existe é resultado de um processo de relações mútuas, pelas quais os corpos agem uns sobre os outros, modificando-se reciprocamente. O pragmatismo de Dewey não separa a natureza da experiência. Esses conceitos foram tomados como incompatíveis pela tradição filosófica, uma vez que, de acordo com ela, a experiência é descrita como algo não natural. Desse modo, essa tradição impôs uma separação entre a experiência humana e a natureza. (NASCIMENTO, 2011, p. 13)

Fora dos Estados Unidos, o Pragmatismo obteve relevância na Inglaterra com os trabalhos do filósofo germano-britânico Ferdinand Canning Scott Schiller (1864-1937), que foram influenciados principalmente por James, como destaca Nascimento (2011). Na França, Henri Bergson, Maurice Blondel, Émile Boutroux, Pierre Duhem, Henri Poincaré e Georges Sorel foram adeptos dos princípios do Pragmatismo norte-americano. A autora acrescenta ainda que na Itália Giovanni Papini e Giuseppe Prezzolini foram os responsáveis pela divulgação dos ideais pragmatistas. Nascimento (2011) também ressalta que a Filosofia Alemã – a Antropologia Filosófica – é influenciada pelas filosofias de Dewey e de G. H. Mead.

[22]

De acordo com Pogrebinschi (2005), as três principais orientações filosóficas dos pensadores do Pragmatismo norte-americano são: afastamento da Metafísica, rejeição ao Nominalismo e proximidade com o Realismo. A respeito dos pontos comuns entre os pragmatistas norte-americanos, Nascimento (2011) destaca: oposição às filosofias especulativas, revisão do empirismo, superação da filosofia contemplativa pela racionalidade científica, objeção ao ceticismo e formulação de uma nova concepção de “verdade”.

De modo geral, como explicita Pogrebinschi (2005), o Pragmatismo norte-americano contribuiu para o abandono de formulações teóricas abstratas que se anunciam como apriorísticas para a análise e para a reflexão da ação. Esse modo de pensar se distancia de ideias concebidas de antemão, que minam a complexidade e a alteridade dos objetos do mundo, e passam a considerar,

sobretudo em James, a imbricação entre verdade e ação e a função da significação na vida prática dos atores.

A realidade não é explicada pela teoria ou exemplificada pela empiria. Para o Pragmatismo norte-americano, as teorias convocadas à reflexão são suscitadas pelos elementos da realidade, pelas características dos objetos e do problema a ser analisado. Os pragmatistas norte-americanos compreendem os objetos do mundo juntamente com a ação humana, e a articulação desta com os objetos se diferencia do Empirismo (os objetos e a realidade estão prontos para serem descritos) e da Fenomenologia (foco na afetação do sujeito e na maneira como ele sente e percebe o mundo).

Além de se inspirarem nessa articulação entre ação humana e objetos do mundo, as Sociologias Pragmáticas Francesas também reconhecem que os não humanos agem de modo independente da ação humana. (NACHI, 2006) O diferencial das Novas Sociologias é, portanto, reconhecer a capacidade de ação dos não humanos. Ao introduzir os não humanos na Sociologia, a TAR influencia as outras duas vertentes das Sociologias Pragmáticas Francesas: a Sociologia Política e Moral e a Sociologia Pragmática e Reflexiva. Ambas estão interessadas pela articulação entre ação não humana e ação humana – mas distintas em relação aos objetos empíricos e aos temas de investigação.

A herança indireta do Pragmatismo norte-americano por parte das Novas Sociologias, sobretudo da Sociologia Política e Moral, é explicitada por Luc Boltanski, citado por Stavo-Debauge (2012). Antes de escrever sua obra inaugural da Sociologia Política e Moral, voltada para as justificações e para os valores acionados pelas ações de atores, *Justificação: as economias da grandeza (De la justification: les économies de la grandeur)*, em coautoria com Laurent Thévenot, cuja primeira versão foi publicada em 1991, Boltanski destaca que não tinha lido os autores pragmatistas norte-americanos, como destaca Stavo-Debauge (2012).

A inspiração pragmática de Boltanski advém da Pragmática Linguística de Noam Chomsky. Desse linguista, Boltanski e Thévenot retomam as noções de “competência” – conhecimento da língua e sua gramática – e de “performance” – uso da língua em situações concretas, em ação. Com ambas, os dois buscam compreender as ações em situações de provação por meio de justificações, e entendem a ação como provação – situação incerta de negociação de sentidos entre os atores e ressignificação do estado das coisas (a condição ontológica da situação observada).

Em outro momento, Boltanski reconhece que “pragmático” é a melhor qualificação para o estilo sociológico ao qual ele se vincula:

No entanto, o termo pragmático é bem-vindo na medida em que aponta para uma intenção original comum que era reiniciar por outro viés a discussão da questão da ação, rompendo com abordagens que, pelo menos em suas formas de expressão mais esquemáticas, tendiam a reduzir a ação das pessoas em sociedade à execução de um programa pré-existente e interiorizado, ou incorporado, no modo de uma presença tirânica, mas inconsciente, sendo o sociólogo finalmente considerado como o único capaz de desvendar tal programa, uma vez que seus métodos lhe permitiriam aceder às estruturas sociais subjacentes que sustentariam esses programas.^[1] (BOLTANSKI, 2006, p. 11, tradução nossa)

A leitura de autores do Pragmatismo norte-americano se dá, por parte de Boltanski e demais membros do Groupe de Sociologie Politique et Morale (GSPM), apenas no início do século XXI, como destaca Stavo-Debauge (2012). Isso ocorre em função da tradução do inglês para o francês das obras originais do Pragmatismo norte-americano, naquele período. O momento de leitura e acesso às obras pragmatistas por parte dos membros do Centre de Sociologie de l'Innovation (CSI), integrado por Latour e Callon, e do Groupe de Sociologie Pragmatique et Réflexive (GSPR), integrado por Chateauraynaud e Debaz, não é mencionado por Stavo-Debauge (2012). Apesar disso, Antoine Hennion (2013), membro do CSI quando a TAR é fundada, aponta que James e Dewey são os

[24]

[1] “Il reste que le terme de pragmatique est bienvenu au sens où il pointe vers une intention de départ commune qui a été de poser à nouveaux frais la question de l'action em rompant avec des approches qui, au moins dans leurs forme d'expression les plus schématiques, tendaient à réduire l'action des personnes em société à l'exécution d'un programme préexistant et intériorisé, ou incorpore, sur le mode d'une présence tyrannique mais inconsciente, le sociologue étant considéré finalement comme le seul em mesure de dévoiler ce programme, parce que les méthodes qui sont les siennes lui permettraient d'accéder aux structures sociales sous-jacentes qui sous-tendent ces programmes”.

autores pragmatistas mais lidos pelos autores afiliados à TAR, sem especificar quando se dá essa leitura.

Corrêa e Dias (2016) também destacam que só tardiamente Boltanski conheceu Peirce, James, Dewey e Mead. Esse aspecto é assumido por Boltanski no prefácio que ele escreve à obra de Nachi (2006) e na entrevista que concede a Corrêa (2016). A aproximação de Boltanski com o Pragmatismo norte-americano foi indireta, como ele ressalta na entrevista, ao dizer que tal corrente filosófica lhe havia sido introduzida por Bourdieu, durante os anos 1970 e 1980, a partir do Interacionismo Simbólico de Mead e de Goffman.

No caso de Bruno Latour, como ele mesmo admite em entrevista a Fossier e Gardella (2006), e assim como reforçam Corrêa e Dias (2016), a aproximação a James e a Dewey é feita com base nas leituras de etnometodólogos americanos e de semioticistas franceses. A data precisa dessas leituras não é mencionada nem por Latour nem pelos entrevistadores. Latour se interessa pela noção de “verdade” elaborada pelo Pragmatismo de James, aspecto que ele retoma de modo mais evidente em *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos (Enquête sur les modes d'existence: une anthropologie des Modernes)*, ao investigar e propor alguns regimes de verdade, por ele nomeados “modos de existência” e estabelecidos segundo os modos de veridicção (produção de verdade) dos enunciados de cada modo.

As noções de “arte”, de “democracia” e de “públicos” formuladas por Dewey também interessam a Latour. A data precisa da aproximação de Latour com os trabalhos de James e de Dewey não é mencionada por Corrêa e Dias (2016). Apenas Stavo-Debauge (2012) menciona esse momento, no início dos anos 2000. Os trabalhos de Francis Chateauraynaud estão mais próximos de Dewey, sobretudo pela noção de “investigação” (*inquiry*), a qual também é retomada por Bruno Latour (2019). Na busca que fizemos a respeito da menção a Peirce feita por Bruno Latour e por outros autores da TAR, encontramos referência àquele autor apenas em *Sobre selves, formas e forças (On selves, forms, and forces)*. Neste texto, Latour (2014) contrasta a proposta semiótica de Peirce com a de Algirdas Greimas. Esta última pouco enfatiza a dimensão ontológica em comparação com aquela outra. Por se filiar à Semiótica elaborada por Greimas, Latour privilegia a ação em detrimento das distinções ontológicas entre os atores, nomeados actantes, pois considera que eles agem associados, isto é, não individualmente.

[25]

Com relação ao GSPM e ao GSPR, Charles Sanders Peirce é mencionado nas obras: *Novo espírito do capitalismo* (*Le nouvel esprit du capitalisme*), escrita por Luc Boltanski em coautoria com Ève Chiapello em 1999; *Enigmas e conspirações: uma investigação a respeito de investigações* (*Énigmes et complots: une enquête à propos d'enquêtes*), escrita por Boltanski em 2012; *Especialistas e falsários: por uma Sociologia da percepção* (*Experts et faussaires: pour une sociologie de la perception*), escrita por Francis Chateauraynaud em coautoria com Christian Bessy em 1995; *Prospéro: uma tecnologia literária para as Ciências Humanas* (*Prospéro: une technologie littéraire pour les sciences humaines*), escrita por Francis Chateauraynaud em 2003; e *Argumentar em um campo de forças: ensaio de Balística Sociológica* (*Argumenter dans un champ de forces: essai de balistique sociologique*), escrita por Chateauraynaud em 2011. Nessas obras, os autores destacam a concepção tri-ádica de signo formulada por Peirce e enfatizam as noções de “representação”, de “sentido” e de “interpretação”.

A vertente explicitamente mencionada pelos membros do GSPM, do CSI e do GSPR é a Semiótica elaborada por Greimas – distinta daquela desenvolvida por Peirce (NÖTH; SANTAELLA, 2017) –, tendo em vista que ela fundamenta a concepção de “ação” para a TAR e inspira as outras duas vertentes das Sociologias Pragmáticas Francesas por meio da noção de “actante”.

A retomada dos autores do Pragmatismo norte-americano é, portanto, desigual entre o GSPM e o CSI, embora se posicionem como correntes pragmáticas. Ambos os grupos, como o fará também o GSPR, recuperam os autores do Pragmatismo norte-americano no intuito de considerarem a ação humana em articulação com a ação não humana. A partir disso, as Novas Sociologias afirmam que nada é dado de antemão, mas em associações que se estabelecem a cada instante. Essa é a ideia implícita no termo *pragmata*, entendido por James (2002) como “as coisas em sua pluralidade”. A nomenclatura é recuperada por Hennion (2013), que enfatiza as coisas como conjuntos de relações e não apenas como a relação entre as coisas. Dewey também considera as coisas como relações conforme a concepção de “experiência”, definida por ele como simbiose (transação) entre ser e mundo. (DEWEY, 2010) Essa noção considera tudo o que existe como composto de relações de mútua afetação. A concepção de que as coisas são conjuntos de relações é aprofundada pela TAR, que se vale da noção de “associação”, sinônima das concepções de “vinculação” e “conexão”, para conceber uma noção própria de ação.

[26]

A respeito do termo “Pragmatismo”, Nardacchione (2011) e Nardacchione e Acevedo (2013) utilizam a expressão “enfoques pragmático-pragmatistas” para reforçarem tanto a influência da Pragmática quanto do Pragmatismo nas Sociologias Pragmáticas Francesas. Os autores elucidam que o termo “pragmático” indica a análise de níveis de ação (singular/geral) por meio de tipificações. O termo “pragmatista” se centra, por sua vez, em uma análise situacional da ação e privilegia as modificações ou as criações que se produzem a nível local.

As Novas Sociologias realizam, portanto, análises que conjugam o micro e o macro, sem necessariamente distinguirem as duas dimensões, pois uma leva a outra, conforme propõe Latour (2002, 2012). A TAR é pragmática e pragmatista, nesse sentido abordado por Nardacchione (2011) e Nardacchione e Acevedo (2013), pois articula as ações *in situ* com aquelas distribuídas e decorrentes de outras ações.

Em meados da década de 1990, na versão original em francês de 1995, Corcuff (2001) ressalta a importância do *pragma* em uma das Novas Sociologias que ele via surgir com os trabalhos de Boltanski e Thévenot (1991). Naquele momento, Corcuff (2001) já apontava a inovação dos estudos de Callon e Latour (1981) como uma dessas Novas Sociologias, sem, entretanto, colocar ambos os autores na mesma vertente de Boltanski e de Thévenot.

Somente em 1999 o termo “pragmática” foi definitivamente utilizado por Bénatouil (1999) para nomear uma vertente sociológica que parecia ganhar corpo com a elaboração de trabalhos sobre a Sociologia da Justificação, de Boltanski e de Thévenot, e a respeito da Sociologia das Ciências, de Michel Callon e de Bruno Latour. O primeiro autor a apontar o surgimento de uma outra vertente da Sociologia, distinta das anteriores, foi Dosse (2003), que se voltou para os trabalhos desenvolvidos por diferentes pesquisadores do GSPM.

Ao final dos anos 1990, a nomenclatura Sociologia Pragmática Francesa passou a ser utilizada. Antes disso, os membros do GSPM e do CSI não se autoneavam pragmatistas. A partir dos anos 1990, como destaca Corrêa (2014), as Sociologias Pragmáticas Francesas englobam outros autores que se dedicam a compreender a ação e o social pela visada pragmática: Nicolas Dodier, Cyril Lemieux, Antoine Hennion, Philippe Corcuff, Alain Desrosière, Daniel Cefaï e Louis Quéré.

A proposta de Bénatouil (1999) em utilizar o termo “pragmática” para caracterizar as Novas Sociologias é fazer uma “dissecação metodológica” das

abordagens sociológicas predominantes, na França, no período em que ele escreve: de um lado, a Sociologia das Ciências e a Sociologia da Justificação; de outro, a Sociologia Crítica. Esse autor justifica sua opção em nomear aquelas vertentes, opostas à Sociologia Crítica, como Sociologias Pragmáticas, ao se remeter a Kant. Ao recorrer a Descombes (1991), Bénatouil (1999) destaca que em *A Antropologia desde o ponto de vista pragmático*, de 1798, Kant contrapõe o conhecimento fisiológico ou científico (o que a natureza faz do homem) ao conhecimento pragmático ou prático (o que o homem faz, pode ou deve fazer a si mesmo). Dessa maneira, o contraste entre conhecimento fisiológico e pragmático explicita uma primeira ideia do projeto teórico das Sociologias Pragmáticas Francesas em contraponto à Sociologia Crítica.

A importância de Kant e sua obra *A metafísica da moral* em relação à distinção entre pragmática e prática, estudada por Peirce quando este formula a sua proposta de Pragmatismo, é explicitada por Dewey (2007). Conforme esse autor, Peirce desenvolve sua teoria pragmatista em *Como tornar nossas ideias claras*, obra na qual há notável similaridade das ideias dele com a doutrina kantiana. Nas palavras de Dewey (2007, p. 229), “[o] esforço de Peirce era o de interpretar a universalidade dos conceitos no domínio da experiência, da mesma maneira que Kant estabeleceu a lei da razão prática no domínio do *a priori*”.

[28]

O conhecimento científico e conhecimento prático contrastados por Kant demarcam dois tipos de racionalidade que delineiam a modernidade, conforme Nardacchione (2001). Os dois pares tiveram presença marginal na tradição sociológica clássica, orientada pelos trabalhos dos sociólogos franceses Émile Durkheim e Gabriel Tarde (1843-1904). No final do século XIX, tais fundamentos serviram para a elaboração de correntes sociológicas que se voltavam para o saber prático como meio de elucidar alguns problemas científicos, tais como o Interacionismo Simbólico e a Etnometodologia.

A TAR também é reconhecida como Sociologia Pragmática por Ferreira (2006) e por Gómez e Tirado (2012). Estes dois últimos a consideram como “Pragmatismo contemporâneo”. Para os três autores, a TAR surge como reformulação e recriação do empirismo de William James. A visada da TAR seria uma espécie de segundo empirismo, como defende Latour (2004a, 2015b, 2019), e frisam aqueles três autores no que concerne a retomar e reformular o empirismo radical de James, pautado na experiência dos atores.

O empirismo de James rechaçou o de John Locke (1632-1704) – produção de ideias simplesmente pela razão – e o de David Hume (1711-1776) – produção de conhecimento pelas percepções que resultam em ideias ou impressões. Ambas as propostas consideravam apenas os dados sensoriais elementares como elementos diretos da experiência. (MOSTAFA, 2010) De acordo com Ferreira (2006), o empirismo de James é radical por considerar como inerente à experiência tanto as relações disjuntivas como as conjuntivas, ignoradas por Hume, que atentou muito mais para os fatos individuais do que para as relações entre consciência e objetos.

A discussão de empirismo e de experiência, que recusa a bifurcação “coisa conhecida e consciência conhecedora”, remonta a John Locke e é resgatada por Latour (2019). Essa abordagem, mais próxima do ator e de sua ação, condiz com o fundamento pragmático das Sociologias Pragmáticas Francesas (CORRÊA; CASTRO, 2012), que atentam para os atores no momento em que agem, sem defini-los *a priori*. O reconhecimento de um estilo próprio de abordagem sociológica francesa que possa ser caracterizado como pragmático é reconhecido, oficialmente, apenas em 2013. Antes, como destacado, a caracterização de um tipo específico de Sociologia francesa como pragmática foi feita apenas no final da década de 1990.

Em um manifesto, os membros que se desvinculam do GSPM, Barthe e outros (2016), explicitam o que consideram ser a Sociologia Pragmática Francesa, termo que eles utilizam no singular. Os principais aspectos que caracterizam essa corrente sociológica são retomados aqui para fins de sintetização, de modo que as especificações e particularidades de cada uma das três vertentes das Novas Sociologias serão evidenciados na próxima seção.

De acordo com Barthe e demais autores (2016), a Sociologia Pragmática Francesa nasce, na França, durante os anos 1980, no contexto sociológico marcado pela Sociologia Crítica de Pierre Bourdieu e pelo individualismo metodológico de Raymond Boudon, também sociólogo francês. A novidade da Sociologia Pragmática Francesa está em se servir de controvérsias e de escândalos como ponto de entrada para a compreensão da ordem social e da problemática de sua reprodução, e em atentar especificamente para a incerteza e para a pluralidade de ações e de atores presentes nesses momentos específicos. (BARTHE et al., 2016)

[29]

Os autores destacam dez pontos que caracterizam o estilo sociológico pragmático francês, compreendido como estilo por implicar pontos de convergência sem necessariamente apresentar homogeneidade no pensamento e nos trabalhos realizados. Os dez pontos são sintetizados da seguinte maneira:

- a. os níveis micro e macro não são tratados como opostos, de modo que o micro é o plano em que o nível macro é realizado e objetivado por meio das práticas – as situações não são determinadas pelas estruturas;
- b. a Sociologia Pragmática integra a temporalidade histórica dos fenômenos ao estudar não apenas o presente, mas toda a ação (presente, passada e desencadeamentos futuros) – o passado não é tomado como finalizado;
- c. o objetivo da Sociologia Pragmática não é revelar interesses particulares travestidos de argumentos mais gerais – os interesses são coletivos e não explicam ações ou discursos, dos quais resultam aqueles e possibilitam a redefinição de operações e de atores;
- d. as justificativas e os discursos críticos dos atores são levados em conta – o sociólogo realiza um esforço reflexivo de compreensão e de descrição do trabalho feito pelos atores para justificarem suas práticas e suas condutas;
- e. atividades práticas e atividades reflexivas não são opostas – assume ser impossível isolar, na análise da ação, um plano em que as retomadas reflexivas do ator sobre sua ação e de outros estejam ausentes, pois uma ação nunca é desprovida de razões, o que não implica dizer que os atores são sempre conscientes das razões de suas ações;
- f. as disposições dos atores não descrevem a ação, sendo por meio desta que aquelas podem ser descritas – é a ação que possibilita a descrição do ator, e não o contrário;
- g. os papéis de dominante e dominado, bem como as relações de forças que resultam das situações de confronto examinadas, devem ser suspensos pelo conhecimento do sociólogo, a fim de que conflitos e controvérsias sejam por ele estudados – trata-se de evitar a assimetria entre atores;

[30]

- h. a análise simétrica das situações não quer dizer que as desigualdades são negadas, mas que os sociólogos buscam investigar o modo como essas desigualdades se reproduzem e se desfazem;
- i. os sociólogos devem seguir os atores e escapar ao relativismo – trata-se de um princípio metodológico que não impede que os analistas façam seus próprios julgamentos de valor acerca dos fenômenos estudados;
- j. as descrições devem enfatizar o que fazem e dizem os atores, a fim de explicar as competências críticas deles e de analisar essas competências.

Resumidamente, as Sociologias Pragmáticas Francesas se voltam para as ações humanas e não humanas como relações que tecem o mundo com base em situações imprevistas. Nesses momentos incertos, os atores se rearticulam mutuamente sem causas pré-definidas por estruturas sociais que os antecedem, sendo eles mesmos, em suas práticas, que conferem sentido às suas ações. Cabe aos investigadores atentarem para as definições dadas pelos atores sem tomá-los assimetricamente, isto é, separando de antemão o que pode agir e o que não pode. As próximas seções especificam as singularidades de cada vertente das Sociologias Pragmáticas e suas contribuições para a compreensão da ação e do social.

Michel Callon e Bruno Latour concebem a Teoria Ator-Rede (TAR) no final dos anos 1970 e no início dos anos 1980. Em 1979, juntamente com o sociólogo britânico Steve Woolgar, Latour escreve o livro *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos (Laboratory Life: the Social Construction of Scientific Facts)*, apresentando ideias iniciais da TAR. Outros textos introdutórios são “Desparafusando o grande Leviatã: como atores estruturam a realidade de maneira macro e como sociólogos os ajudam a fazer isso” (*Unscrewing the big Leviathan: how actors macro-structure reality and how sociologists help them to do so*), escrito por Callon e Latour, em 1981, e o texto “Por uma sociologia relativamente exata” (*Pour une sociologie relativement exacte*), escrito por ambos em

1983. Foi apenas em 1986 que Callon apresentou o termo “ator-rede” no texto “A sociologia de um ator-rede: o caso do veículo elétrico” (*The sociology of an actor-network: the case of the electric vehicle*).

A TAR se apresenta como abordagem metodológica para descrever a fabricação de fatos científicos. Por essa razão, é nomeada Sociologia das Ciências e das Técnicas por Corcuff (2001). Ela é amplamente difundida entre 1982 e 2006, graças ao ensino de Engenharia no âmbito do Centro de Sociologia da Inovação (CSI) da Escola de Minas de Paris. Conforme Dosse (2003), Callon ingressa nessa escola em 1964 e se volta para as Ciências Econômicas e Sociais. Em 1969, ele obtém o diploma de engenheiro e passa a fazer parte do CSI, criado dois anos antes pelo filósofo francês Pierre Laffitte, diretor-adjunto na época. Latour ingressou no CSI em 1982.

A partir de 2007, a TAR é desdobrada no ensino de Direito, Política e Cartografia de Controvérsias no centro de pesquisa MédiaLab, afiliado à SciencesPo, o Instituto de Estudos Políticos de Paris. (BLOK; JENSEN, 2011) John Law, Madeleine Akrich, Annemarie Mol e Antoine Hennion também são nomes importantes afiliados a essa vertente, conforme Harman (2009), Blok e Jensen (2011) e Lemos (2013). O *site Actor Network Resource*,^[2] que é mantido por John Law, que passa a contribuir com a TAR a partir de 1986, reúne referências relevantes sobre a TAR. Madeleine Akrich colabora desde 1992. Em 1994, Annemarie Mol começa a trazer contribuições para a TAR. Antoine Hennion participa com publicações a partir de 1989. Segundo Harman (2009), Blok e Jensen (2011) e Lemos (2013), os principais nomes que influenciam a TAR são: Gabriel Tarde (1843-1904), William James (1842-1910), John Dewey (1859-1952), Alfred N. Whitehead (1861-1947), Étienne Souriau (1892-1979), Algirdas Greimas (1917-1992), Harold Garfinkel (1917-2011), Michel Foucault (1929-1984), Gilles Deleuze (1925-1995), Michel Serres (1930-atual), Marc Augé (1935-atual), Philippe Descola (1949-atual) e Isabelle Stengers (1949-atual).

A TAR é concebida no âmbito dos Estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), como ressaltam Corcuff (2001) e Lemos (2013). O grupo de estudos de mesmo nome (*Sciences, technologies et société*) se organiza sob a direção de Jean-Jacques Salomon, no Conservatório Nacional de Artes e Ofícios,

[2] Disponível em: <http://wp.lancs.ac.uk/sciencestudies/the-actor-network-resource-thematic-list/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

na França, em 1977, data de regresso de Bruno Latour da Califórnia. Neste estado norte-americano ele permaneceu entre 1975 e 1977, dedicando-se a um trabalho de campo no laboratório dirigido pelo neuroendocrinologista Roger Guillemin. O propósito do grupo CTS era se diferenciar dos estudos estruturais e funcionalistas realizados pela Sociologia da Ciência, da Escola de Columbia, sobretudo por Robert Merton (1910-2003), que propôs um *ethos* para a Ciência na qual predominava um domínio lógico-cognitivo interno ao conhecimento científico. (LEMOS, 2013)

Ao entender os fatos científicos como fabricados, a TAR igualmente compreende que a ciência é feita e deve ser estudada em ação, isto é, na prática cotidiana dos laboratórios. A ação é entendida conforme o método descritivo empregado por Bruno Latour para relatar o dia a dia de engenheiros e de cientistas. Essa proposta é desenvolvida em *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos* e depois em *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora* (*Science in Action: How to Follow Scientists and Engineers Through Society*), escrito por Latour em 1987.

Ambas as publicações tratam a realidade como fabricada e como aquilo que resiste às provações, ou seja, como aquilo que passa por diversas provas, como as laboratoriais (experimentos, testes, exames). Essas mesmas provas também são fabricadas pelos instrumentos científicos acionados que, juntos com demais actantes que integram esse embate (enunciados, contestações, documentos, relatórios, conferências, congressos, artigos científicos etc.), produzem o social. Nesse sentido, a ação tem a performatividade como característica própria, pois desencadeia efeitos. Esses efeitos desencadeiam outros que não devem ser entendidos como reação a uma ação prévia, mas como dinâmica de mútua afetação (ser levado por outros a agir e levar outros a agir).

A noção de “performatividade” se refere a uma qualidade estudada e cunhada por John Austin (1990) quando ele atentou para os “atos de fala”. O conceito foi retomado e generalizado por Jacques Derrida, Paul De Man e Richard Rorty para atacar a teoria representacional da verdade: as teorias, os discursos e a linguagem não refletem e não representam a realidade, mas são agentes que a produzem e a performam. A Sociologia da Ciência (Woolgar, Latour, Mulkay, Ashmore, Mol etc.) operacionaliza a noção de performatividade, mostrando como os cientistas produzem, constroem e fabricam a realidade social em seus laboratórios. (VANDENBERGHE, 2010, p. 307)

Em vista dessa compreensão performativa da realidade, que entende a ação como um “fazer que faz fazer”, a TAR reconhece que a realidade não é fixa, mas flutuante em função das alianças entre os atores, isto é, das associações que eles estabelecem mutuamente. Ao se associarem, atores fazem outros atores fazerem coisas. (LATOURL, 2012) Essa ação é entendida pela TAR como mediação, pois ocasiona transformações em quem age, em como age, naquilo que possibilita a ação e em quem é levado a agir. A mediação se diferencia didaticamente da intermediação pelo fato de esta última não produzir alterações na dinâmica associativa. A TAR se interessa pelas mediações e busca descrevê-las nos relatos de investigações que dela se valem.

Cabe acrescentar que a ação também pode ser entendida como ator, pois faz fazer. Essa ideia remete à visada sociológica infinitesimal proposta por Gabriel Tarde (2007), que compreende a ação como variação, transformação ou diferenciação (mudança): “Seja como for, seriam, então, os verdadeiros *agentes* esses pequenos seres que dizemos serem infinitesimais, seriam as verdadeiras *ações* essas pequenas variações que dizemos serem infinitesimais”. (TARDE, 2007, p. 61, grifos do autor) Em vista disso, tanto Tarde (2007) quanto Latour (2012) apreendem que os atores possuem geometria variável, ou seja, oscilam entre o macro e o micro, de modo que a causa dos fenômenos não é buscada em um ponto particular, mas nas associações, no coletivo. No fundo de cada entidade não se acha senão “certo número de eles e elas que se embaralham e se confundem ao se multiplicarem”. (TARDE, 1898 apud VARGAS, 2007, p. 36)

[34]

Na esteira de Gabriel Tarde, a TAR assimila que a ação é plural, quer dizer, feita por infinitos atores e distribuída entre eles. Conforme Latour (2012, p. 72),

a ação não ocorre sob o pleno controle da consciência; a ação deve ser encarada, antes, como um nó, uma ligadura, um conglomerado de muitos e surpreendentes conjuntos de funções que só podem ser dessemelhados aos poucos. É essa venerável fonte de incerteza que desejamos restaurar com a bizarra expressão ator-rede. O fato de nunca estarmos sós ao agir exige apenas alguns exemplos.

Para Tarde, como pontua Latour (2004b), a divisão sociológica clássica entre micro (o ator) e macro (a estrutura, o sistema) é o que bloqueia completamente

a compreensão do social, entendido como estrutura que antecede e predetermina as ações. A TAR reformula essa divisão por meio da expressão “ator-rede”, como evidencia a citação apresentada. Com isso, essa abordagem compreende a condição ontológica da realidade como plana, isto é, considera que atores se encontram no mesmo plano de ação. A ação de humanos e de não humanos não é ontologicamente diferenciada pela TAR; interessa o fato de ambos agirem de modo associado. O social é o que resulta das ações de múltiplos atores, não sendo dado de antemão e não sobredeterminando tais ações.

Assim, a realidade é aquilo que resulta das proações e da performance dos atores, isto é, daquilo que eles fazem e do que eles fazem fazer (os efeitos da ação), conforme Latour (2000, 2001). De modo evidente, a “[...] realidade, como indica a palavra latina *res*, é aquilo que resiste. Mas resiste a quê? Ao teste de força”. (LATOURE, 2000, p. 143-144, grifo do autor) Em outro momento, Latour (2012, p. 60) alega que “[p]ara os sociólogos de associações, a regra é a performance e aquilo que tem de ser explicado, a exceção perturbadora, é qualquer tipo de estabilidade a longo prazo e em larga escala”.

A definição performativa da realidade social pela TAR contrasta com a definição ostensiva (pronta, acabada, feita), sobretudo por vertentes inspiradas em Durkheim. Bruno Latour privilegia tanto aquele sociólogo quanto Gabriel Tarde para demarcar duas concepções distintas de social e de sociologia. Max Weber e George Simmel influenciam a formação e a constituição da Sociologia; entretanto, ambos não são recorrentemente retomados por Latour.

Para a TAR, a realidade depende do modo como os atores agem em situações instáveis e incertas. Com o foco na ação de atores em tais situações por eles configuradas, a TAR privilegia a análise de controvérsias, inovações, crises, panes, debates, querelas, conflitos e golpes. Esses momentos de produção do social são tomados como incertos, pois o estado das coisas e seus sentidos são refeitos conforme os atores agem. O grau de incerteza dessas situações reside em não saber de antemão quais são os atores que agem, quantos são, como agem e quais outros atores são levados a agir. A incerteza em relação às ações e aos atores que compõem o mundo já se fazia presente no pensamento de Tarde, como sublinha Saint Clair (2012, p. 22):

Com Tarde, estilhaçamos a monolítica indagação ‘o que algo é’ em uma série de pequenas perguntas, como ‘onde é’, ‘quando é’, ‘quem é’,

[35]

'quantos são', com o proveito que este gesto acarreta de deslocar o que é passível de observação dos inalcançáveis patamares da transcendência para os plurais jogos de força em constante remanejamento em um solo imanente.

É em ação que podemos observar a dinâmica de atores, os quais se encontram agindo uns sobre os outros – o contágio mútuo mencionado por Tarde (2007) – e redefinindo o modo como a sociedade, as situações e o social podem ser compreendidos. Assim, o social e a sociedade resultam das provações e não se apresentam como contexto ou como explicação para a ação de atores. (LATOURE, 2012)

Para Latour (2000, 2001), tudo o que há são provas de força, testes de resistência, provações, sendo os fatos aqueles que resistem a esses momentos de embate e controvérsia. Esta ideia é reiterada por Harman (2014). O ponto central das Sociologias Pragmáticas Francesas, sobretudo da TAR, é a ação de atores humanos e não humanos. Ambos, bem como o modo como agem, não são estabelecidos de antemão. Isso porque os atores alteram e redefinem o estado das coisas ao agirem em circunstâncias incertas. Desse modo, aquilo que era tomado por certo é questionado, reavaliado e redefinido quando posto em provação – o teste laboratorial, o exame escolar, a prova esportiva, o debate científico etc. (CHATEAURAYNAUD, 1991; LATOUR, 2000; LAW, 2011; NACHI, 2006)

[36]

Sociologia Política e Moral

A Sociologia Política e Moral é elaborada em meados dos anos 1980 pelo sociólogo francês Luc Boltanski e conta com as contribuições do economista francês Laurent Thévenot.

Ambos foram ex-orientandos do sociólogo francês Pierre Bourdieu, durante os anos 1970, e ex-integrantes de seu grupo de pesquisa, conforme Corrêa (2011) e Dosse (2003). Juntamente com o sociólogo e historiador austríaco Michael Pollak, Boltanski e Thévenot propõem o deslocamento da crítica do agente especializado (o sociólogo) para o senso comum. Assim, estes dois últimos rompem com o "bourdieusismo", calcado na concepção estruturalista de *habitus*,

e passam a se interessar por “descobrir a competência reflexiva dos não-especialistas, do senso comum, [bem como] a capacidade largamente partilhada de generalização, de superação dos casos particulares”. (DOSSE, 2003, p. 64) Em entrevista a Corrêa (2016), Boltanski explica que tal interesse é influenciado pela introdução do Interacionismo Simbólico na França. Coube a Pierre Bourdieu introduzir essa vertente naquele país, sobretudo as obras de Erving Goffman, expoente da visada interacionista.

Também nomeada Sociologia da Crítica, Sociologia da Justificação ou Sociologia dos Regimes de Ação, a Sociologia Política e Moral atenta para os valores acionados pelos atores quando agem em momentos de incerteza e provação – a dimensão axial (valorativa ou qualitativa). Essa dimensão, que atenta para os valores, soma-se às dimensões ontológica (o que a realidade e as entidades são) e epistemológica (o conhecimento sobre a realidade e as entidades). Em instantes incertos, o estado das coisas – aquilo que elas são ou como são compreendidas – é questionado e reformulado de acordo com os modos de negociação e justificação entre os atores – aqueles que se encontram em ação –, e não apenas pelo *habitus* deles.

A noção de “provação” (*épreuve*) se refere aos momentos em que certezas são questionadas, e aberturas para a redefinição das situações são instauradas. (CHATEAURAYNAUD, 1991) Essa concepção demarca todas as Sociologias Pragmáticas Francesas, segundo Nachi (2006) e Lemieux (2007), autores que também as nomeiam Sociologia das Provações. As provações são provas de força – o sentido é próximo ao magnetismo, com atração ou repulsão de elementos, isto é, de argumentos ou proposições científicas. (MARTUCCELLI, 2015; NACHI, 2006) A visada de Boltanski privilegia o eixo axiológico das ações, ou seja, observa a atribuição de valores por parte de atores às situações por eles experimentadas. Esse valor é considerado pela Sociologia Moral e Política como grandeza. Essa abordagem entende as provações também como provas de grandeza. (MARTUCCELLI, 2015; NACHI, 2006)

Para as Sociologias Pragmáticas Francesas, a ação é considerada como provação, pois é marcada pela imprevisibilidade e pela incerteza, de modo que não sabemos de antemão o resultado das ações, quer dizer, o que elas desencadeiam e quais atores agem. (NACHI, 2006) A ação é incerta e imprevisível. Isso implica dizer que o estado de coisas e os sentidos produzidos estão de acordo com quais atores agem e como eles agem, aspectos que não são definidos

previamente, mas observados em ação. Esses aspectos de imprevisibilidade e de incerteza com relação à ação e aos atores também são fortemente ressaltados por Latour (2012).

A Sociologia Política e Moral se configura com a fundação do grupo de mesmo nome, o Grupo de Sociologia Política e Moral (GSPM), coordenado por Boltanski, Thévenot e Pollak em 1984 e desfeito um ano depois, quando os pesquisadores mais jovens desse grupo – Yannick Barthe, Damien de Blic, Jean-Philippe Heurtin, Éric Lagneau, Cyril Lemieux, Dominique Linhardt, Cédric Moreau Cathérine Rémy e Danny Trom – decidem fundar o Laboratório de Estudos sobre a Reflexividade – Laboratoire d’Études sur la Réflexivité (LIER) –, conforme Corrêa (2016). Esses pesquisadores escreveram, naquela época de ruptura, o manifesto intitulado *Sociologia Pragmática: guia do usuário (Sociologie pragmatique: mode d’emploi)*, publicado apenas em 2013. (BARTHE et al., 2016)

Cabe dizer, ainda, que tanto o GSPM quanto o LIER estão vinculados à Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris – École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS) –, local em que ocorreu, em 1903, o debate clássico entre os sociólogos franceses Émile Durkheim (1858-1917) e Gabriel Tarde (1843-1904). O embate entre os dois pensadores permeia toda a discussão a respeito do objeto de estudo da Sociologia e sua relação com outras ciências. De acordo com Consolim (2010), o debate, que mobilizou círculos intelectuais de ambos os lados, colocou frente a frente posições opostas em relação a aspectos tais como a concepção de solidariedade social, o valor da ciência e de sua relação com respeito a valores e fins sociais, a autonomia da Sociologia em relação à Psicologia e seu papel diante das Ciências Sociais particulares. Tais oposições estão ligadas a distintas concepções sobre o mundo intelectual e seu papel nas sociedades modernas.

Conforme Giddens e Turner (1999), a Sociologia se pergunta quais são os atores que produzem o social, como eles agem (quais são as suas ações) e o que os permite agir (a estrutura social). Uma breve exposição da concepção do termo “sociologia”, tanto para Durkheim quanto para Tarde ajuda a entender a afiliação da TAR ao pensamento do segundo sociólogo. Para o primeiro, a Sociologia é a ciência “das instituições, da sua gênese e do seu funcionamento [...], de toda crença, todo comportamento instituído pela coletividade”. (DURKHEIM, 1974 apud QUINTANEIRO; OLIVEIRA BARBOSA; OLIVEIRA, 2017, p. 68) A Sociologia

[38]

estuda, conforme a concepção de Durkheim, a dimensão macro da sociedade, que é concebida de modo *sui generis* e antecedente ou sobreposto à ação dos indivíduos. Para Tarde, a Sociologia é o estudo das associações, das quais resulta o social. Este não está pronto ou acabado, mas é feito à medida que os atores humanos e não humanos agem, conforme Latour (2012). Nas palavras de Tarde (2007, p. 90), “em uma sociedade, nenhum indivíduo pode agir socialmente, nem se revelar de uma maneira qualquer, sem a colaboração de um grande número de outros indivíduos, na maioria das vezes ignorado pelo primeiro”.

As ações são entendidas por Tarde (2007, p. 61) como “essas pequenas variações que dizemos serem infinitesimais”, designadas “mônadas”. Esta noção é recuperada do filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716). De acordo com o antropólogo brasileiro Eduardo Vargas, Leibniz define as mônadas como as partículas elementares, as substâncias simples de que os compostos são feitos. Elas são, portanto, diferenciadas (dotadas de qualidades que as singularizam umas em relação às outras) e diferenciantes (animadas por uma potência imanente de mudança contínua ou de diferenciação). Por isso mesmo elas dizem respeito às nuances ao infinitamente pequeno, ao infinitesimal que constitui toda (a) diferença. A hipótese das mônadas implica, portanto, a afirmação da diferença como fundamento da existência e, conseqüentemente, a renúncia ao dualismo cartesiano entre matéria e espírito e àqueles que são correlatos a esse dualismo – particularmente, o dualismo natureza/sociedade, tão caro a Durkheim, que lhe confere proporções ontológicas no postulado do *homo duplex* (organismo biológico, de um lado, e moral, de outro). (VARGAS, 2004)

Na perspectiva da “monadologia renovada” ou pelo “ponto de vista sociológico universal”, “um ser e sua ação são inseparáveis”. (TARDE, 2007, p. 177) O que conta para Gabriel Tarde não são os indivíduos, mas “as relações infinitesimais de repetição, oposição e adaptação que se desenvolvem entre ou nos indivíduos, ou melhor, em um plano onde não faz sentido algum distinguir o social e o individual”. (VARGAS, 2007, p. 10) Desse modo, Tarde admite que “há infinitamente mais agentes no mundo do que correntemente imaginam nossas ciências humanas”. (VARGAS, 2007, p. 13) Com essa alegação, tal sociólogo francês enfatiza que os não humanos também agem e critica a dimensão humanista e antropocêntrica das Ciências Humanas e das Ciências Sociais. Estas duas últimas nomeações são paradoxais, pois,

como vimos, para a TAR, as ações são híbridas, isto é, enredam humanos e não humanos. Para Tarde, o social não se restringe ao domínio específico da ordem simbólica humana.

Essa compreensão está apoiada na visão renovada das mônadas de Leibniz, a qual proporciona à teoria de Tarde revelar as associações sem partir de causas pré-definidas. Além disso, a perspectiva de Leibniz possibilita à abordagem de Tarde não definir a direção (o resultado) das ações e não antecipar a qualidade das negociações, como nos esclarece Lemos (2013). Para Leibniz, as mônadas são fechadas nelas mesmas, quer dizer, elas não se contagiam; para Tarde, elas são abertas a outras mônadas, pois se contagiam mutuamente ao agirem umas sobre as outras. Trata-se do que Tarde (2007) denomina “contágio”. Isso implica considerar que cada ator é um conjunto de vários outros atores, posto que as ações enredam uma multiplicidade de atores.

Essa é a noção de “infinitesimal” para Tarde: uma mônada – termo que equivale ao termo “ator” para a TAR (LATOURET et al., 2012) – se desdobra em vários outros porque todos estão em contágio mútuo. Igualmente, pelo fato de esses outros estarem em contágio com outros, eles também se desdobram em muitos. Nesse sentido, a sociedade é definida como “[...] posseção recíproca, sob formas extremamente variadas, de todos por cada um”. (TARDE, 2007, p. 112) Na leitura das concepções de “social” e de “sociologia” de Tarde, feita pela TAR, humanos e não humanos fabricam o social. A produção coletiva do social rege a compreensão de ação na TAR.

[40]

Sociologia Pragmática e Reflexiva

A terceira ramificação das Sociologias Pragmáticas Francesas é a Sociologia Pragmática e Reflexiva, também nomeada Balística Sociológica, Pragmática das Transformações ou Sociologia das Controvérsias. Esta abordagem é concebida por Francis Chateauraynaud com a criação do Grupo de Sociologia Pragmática e Reflexiva (GSPR), afiliado à EHESS, conforme ele mesmo destaca em entrevista à revista on-line *Zilsel* (2014). De acordo com Nachi (2006), e como reitera Chateauraynaud àquela entrevista, a criação do GSPR se dá com a publicação do livro *A culpa profissional: uma sociologia dos conflitos de responsabilidade*

(*La faute professionnelle: une sociologie des conflits de responsabilité*). Essa obra resulta da tese de Chateauraynaud defendida em 1991, cujo orientador foi Luc Boltanski, e teve Bruno Latour como um dos membros da banca. Isso ressalta o fato de as Sociologias Pragmáticas Francesas serem contemporâneas entre si, ainda que a consolidação de uma e de outra variem alguns anos.

O GSPR se dedica a compreender a formação e a transformação de argumentos em situações de discussão pública: controvérsias, crises e escândalos. Esses momentos são analisados por meio de recursos informáticos e de tecnologias de análise textual de *corpora* extensos (matérias em jornais, declarações, estatutos, leis, artigos científicos etc.). O *software* Prospéro^[3] foi desenvolvido por tal grupo para esse propósito e atenta para a categoria “provação” (épreuve), que reúne os verbos presentes nos documentos analisados. Os verbos dizem respeito às ações, aos fazeres de atores diversos, evidenciados pelos enunciados coletados e analisados. (ARCE; SALGADO, 2016) O objetivo da proposta de Chateauraynaud é observar a trajetória argumentativa de variados atores ao longo do tempo, por meio de suas relações de força (influência, importância e relevância), e atentar para aquilo que futuramente será formado em decorrência de afetações entre atores. Chateauraynaud (2003, 2004, 2011, 2014, 2016) nomeia Balística Sociológica a análise do trajeto de argumentos em *corpora* textuais.

A inovação das Novas Sociologias reside em atentar diretamente para a ação de atores por meio da crítica a abordagens intelectualistas da ação, tal como questionado antes pela Sociologia Crítica proposta por Bourdieu, que foi influenciada pelas filosofias de Ludwig Wittgenstein (1889-1951) e de Merleau-Ponty (1908-1961), conforme Corcuff (2001). As abordagens intelectualistas reduzem a ação à perspectiva intelectual do observador em detrimento da prática daqueles que agem.

Distintamente, as Sociologias Pragmáticas Francesas não partem de atores, mas de ações. Em suma, as três perspectivas sociológicas pragmáticas francesas apresentadas se fundamentam no caráter plural da ação. Esta é a base para as proposições teóricas, metodológicas e analíticas dessas abordagens. Elas se diferenciam, basicamente, pela empiria que privilegiam. Ao considerar controvérsias de inovações e de projetos científicos, a TAR prioriza a associação entre

[3] Disponível em: <http://prosperologie.org/>. Acesso em: 4 fev. 2022.

humanos e não humanos. A Sociologia Política e Moral se volta especificamente para os valores dos argumentos e para as justificações dos atores, e dedica-se, principalmente, às situações comerciais e empresariais. A Sociologia Pragmática e Reflexiva centra-se na trajetória de argumentos de atores, bem como em suas capacidades reflexivas de modular as situações de modo a reconfigurar o sentido do estado das coisas, ou seja, a condição ontológica delas, instaurada durante a ação em disputas e controvérsias socioambientais.

[42]

Redes sociotécnicas e cultura digital

O fundamento pragmático das Novas Sociologias, sobretudo da TAR, possibilita olhar para a cultura digital de outra maneira. Trata-se do entendimento de que máquinas, como computadores, *smartphones*, *tablets* e *smartwatches*, por exemplo, não são apenas intermediários a serviço das ações humanas. Esses objetos técnicos enredam nossas ações e nos fazem fazer coisas na mesma medida em que nós também os fazemos agir quando acionamos o *wi-fi* do celular e passamos a receber notificações, quando acessamos uma rede social on-line, como o Instagram, e visualizamos uma publicação de outros usuários e passamos a seguir uma pessoa e curtir suas publicações, por exemplo. Essas ações deixam rastros digitais que podem ser recuperados e que se manifestam, em certa medida, nas métricas das redes sociais on-line.

De fato, a cultura digital ou cibercultura, demarcada pelos múltiplos papéis assumidos por cada um que age on-line (produtor, criador, compositor, montador, apresentador, difusor de conteúdos, *influencer* etc.) é caracterizada pela digitalização das mídias, bem como pela possibilidade de acesso à internet e produção de dados digitais, conforme Santaella (2003). Para essa autora, os meios digitais e on-line imbricam textos, áudios e vídeos em uma mesma linguagem informática, isto é, digital, binária (0s e 1s). Essa linguagem, diversificada em suas manifestações expressivas e materiais, perpassa nossas ações e configura os sentidos que atribuímos a elas.

Nesse sentido, a perspectiva da TAR auxilia a tratar as ações on-line como ações híbridas, não purificadas ou essencialmente humanas. Não se trata de considerar que um clique, uma curtida, uma visualização ou um compartilhamento sejam ações exclusivas de um sujeito cognoscente que decidiu por si mesmo realizá-las. Pelo contrário, a própria rede, no sentido que o senso comum atribui à internet, como rede de computadores e objetos técnicos interconectados, é composta por ações conjugadas entre humanos e não humanos. Por isso mesmo também é uma rede sociotécnica permeada por ações comunicacionais. Assim, as decisões de como, onde, quando e com quem agir on-line são negociadas entre humanos e máquinas. Esses enredamentos, que produzem aspectos econômicos, políticos, culturais,

[43]

sociais, entre outros, ficarão mais evidentes conforme os exemplos mencionados neste capítulo.

O texto a seguir aborda, então, as relações possíveis entre redes e rastros conforme as abordagens apresentadas no capítulo anterior, destacando aspectos conceituais e metodológicos que possam contribuir para outras investigações acerca da cultura digital e de redes sociais on-line, com exemplos e casos. Ao final, o capítulo destaca as ações comunicacionais on-line com uma espécie de tipologia fundamentada em perspectiva não antropocêntrica de comunicação.

Redes e rastros

A ação pela qual a TAR se interessa é a mediação. Em mediação, os atores se enredam mutuamente, em uma dinâmica associativa que pode ser descrita como rede. Nesse sentido, como compreende Latour (1994b, p. 34, tradução nossa), “[o] principal motor de uma ação se torna uma nova, distribuída e enredada série de práticas cuja soma pode ser feita apenas se respeitarmos o papel mediador de todos os actantes mobilizados na lista”.^[4] Assim, o agir de múltiplos atores (ou actantes) leva muitos outros atores a agirem também, de modo que a ação se distribui nessa rede de atores ou ator-rede.

[44]

Desse modo, Latour (2012) também considera que a ação não é limitada a um único local, pois aquilo que foi feito em um certo instante decorre de ações anteriores e igualmente produz efeitos que se desdobram em momentos futuros. Uma situação, então, é multicausal e multilocal porque implica em mútuas afetações. A noção de rede visa a descrever, portanto, as diversas ações de variados mediadores, ou melhor, as relações que não transportam por si mesmas causalidade, mas que induzem dois ou mais mediadores à coexistência.

A rede não é uma estrutura pela qual as ações passam ou ocorrem. Ela é um modo de relatar e descrever as ações coletivas. Trata-se de um texto que dá

[4] “[...] *the prime mover of an action becomes a new, distributed, and nested series of practices whose sum might be made but only if we respect the mediating role of all the actants mobilized in the list*”.

voz aos atores, não sobrepondo a eles, conforme o fundamento pragmático da TAR, a visão, a opinião ou a interpretação do analista (sociólogo ou outro). Com efeito, Callon e Latour (2016, p. 20) reconhecem, de modo distinto ao proposto pela Sociologia Crítica de Bourdieu, que o ator é “um informante útil, mas do qual é preciso desconfiar; o tratamento de seus pontos cegos permite criar uma ‘ciência’, no sentido pré-relativista da palavra, que torna consciente a ‘simples prática’ dos informantes”.

Latour (2010) resgata a noção de rede do livro *O sonho de D'Alembert (Le rêve de D'Alembert)*, escrito por Denis Diderot em 1769. Conforme esta última publicação, o termo “rede” serve para descrever matérias e corpos, a fim de evitar a divisão cartesiana entre matéria e espírito. De modo semelhante, a TAR se vale dessa inseparabilidade para considerar que os não humanos (não dotados de espírito pela Sociologia do Social) também agem e que suas ações são igualmente válidas de serem consideradas nos relatos das investigações.

Em *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*, Latour e Woolgar (1997) analisam as diversas trajetórias pelas quais as produções científicas da época buscaram definir o hormônio liberador da tireotrofina (TRF). Ambos concluem que uma rede, como no caso do hormônio estudado, é uma trajetória de sentidos que enreda ações diversas (de cientistas, instrumentos de laboratório, documentos, pesquisas etc.). Assim, os autores consideram que os fatos científicos são produtos de redes tecnocientíficas ou redes sociotécnicas. Conforme esse entendimento, a rede se amplia conforme as diversas associações que passam a ser estabelecidas à medida que os atores agem. As ações produzem as redes, que são coletivamente tecidas enquanto os atores agem.

De acordo com o princípio metodológico da TAR, devemos seguir os atores (LATOURE, 2012), pois, assim, veremos a formação de redes sociotécnicas. Callon (2008) afirma que a qualidade sociotécnica das redes se encontra na pluralidade da ação. Isso implica considerar que agir humanamente é necessariamente agir com outros que não são humanos. Eles nos levam a agir. Desse modo, o autor defende que é próprio ao humano se associar ao não humano. Esse mesmo ponto foi ressaltado antes por Strum e Latour (1987).

No texto em que tratei das condições humanas e não humanas, resaltei que as associações entre humanos e não humanos (H-NH), bem como entre não humanos e não humanos (NH-NH) são sociotécnicas ou híbridas. (SALGADO, 2018a) Igualmente defendo que não há ação puramente humana

nem estritamente não humana, pois compreendo que nenhum ator age sozinho, mas é levado a agir por outros. Isso também implica reconhecer que não há associação direta entre humanos (H-H), pois toda ação entre humanos é mediada por não humanos (H-NH-H). De fato, naquele texto pontuei que somos humanos porque nos relacionamos com não humanos, principalmente com os objetos técnicos, considerados como elementos que agem e organizam relações entre seres humanos e ambiente. (AKRICH, 2014) A ação de animais, vegetais e minerais independe da ação humana. Esta, contudo, é dependente daquela. (LATOURE, 1994b; LATOUR; STRUM, 1986; STRUM, LATOUR, 1987)

Nossas ações com as ações não humanas tecem redes sociotécnicas. Para Callon, Lhomme e Fleury (1999), o termo “rede” apresenta algumas vantagens. Uma delas é que tal noção não diferencia ação local e ação geral. Isso reitera a ideia de “ontologia plana” proposta por Latour (2012). Para ele, os atores agem em um mesmo plano ontológico, ou seja, atores humanos e atores não humanos agem de modo que não há peso para o lado apenas dos humanos. Trata-se de considerar, ainda, que os atores agem em um mesmo plano de mediação, e que a mediação é a prática de produção e proliferação de híbridos (LATOURE, 1994a), pois articula ações e atores em curso, bem como conecta o global ao local e o natural ao social.

Outra vantagem em utilizar o termo “rede” está na explicitação das conexões entre os atores. A força dessas conexões reside no número de associações e na qualidade delas, isto é, com quem se está associado ou não. Esse aspecto, referente à dimensão política e de poder das associações, é explicado por Latour (1984). A noção de “rede” é, portanto, “[...] um tipo de registro daquilo que acontece. Isso devolve aos atores a capacidade de ação, não os coagindo e os encurralando a exigências impostas pelo analista”. (CALLON; LHOMME; FLEURY, 1999, p. 120) Em suma, a noção de “rede” possibilita ao analista compreender como os atores se conectam uns aos outros.

Com a TAR, o que se tem é uma outra espécie de rede, como destaca a antropóloga britânica Marilyn Strathern (2014). Para ela, a TAR se diferencia do que já era feito pelas análises sociológicas tradicionais de redes sociais (parentesco, por exemplo), que consideravam apenas a “rede” de atores ou os atores da rede, deixando de lado as ações e, sobretudo, as mediações. A autora ressalta, assim, que em uma rede sociotécnica, quer dizer, rede ator-rede, o que se tem são efeitos produzidos pelas associações híbridas.

Nos termos de Strathern (2014, p. 302), a rede é “um híbrido imaginado em estado socialmente estendido”. O híbrido diz respeito à composição não purificada (cindida) dos atores, que são ao mesmo tempo seres de natureza e de cultura. (LATOURE, 1994a) Desse modo, a extensão da rede analisada e descrita nas investigações abarca humanos e não humanos em relações coletivas.

O hífen na expressão ator-rede, sobre o qual nos dedicamos em outro trabalho, evidencia o movimento associativo entre atores e redes. (SALGADO; ALZAMORA; JOSEPHSON, 2021) Os diversos atores não agem sozinhos. A ação não é propriedade exclusiva de um ou outro ator. Um ator age por muitos. Nesse sentido, um ator é também uma rede. Em outros termos, ele se desdobra em várias outras associações. Cada uma dessas associações, a seu turno, desdobra-se em vários outros atores. A rede age e, por isso também, é ator. A hifenização “ator-rede” enfatiza, portanto, essa reversibilidade.

Em associação, entidades híbridas agem e, em ação, deixam rastros. (LATOURE, 2007, 2012) Esses rastros apontam para alterações no curso de ações, para a produção de movimento e para a fabricação de efeitos, aspectos que são retomados por Fernanda Bruno (2012). Como sintetiza essa pesquisadora brasileira, toda ação deixa rastros. Lemos (2013) reitera essa afirmação e declara que se não há ação, não há rastros. Logo, os rastros necessariamente indicam que houve ação e atores.

Conforme essa orientação teórico-metodológica da TAR, os rastros digitais são índices que apontam para ações precedentes, para *loci* específicos e para atores, que configuram, por meio de suas ações, situações também específicas. Desse modo, rastros distintos dizem de ações e associações distintas. Nas redes sociais on-line, como Instagram, YouTube, Facebook e Twitter, uma ação de curtir deixa um rastro distinto da ação de visualizar, que também é distinto da ação de comentar, e assim por diante.

Para a TAR, importa atentar para quais rastros podem ser recuperados. Interessa a essa abordagem observar para o quê esses índices apontam: as ações decorridas ou em curso, os atores implicados nessas ações, onde as ações ocorreram, como se deram, como se distribuíram em rede, quais foram os elementos mobilizados, a quais outros se associaram e o que mudou no sentido das coisas. Esta é a contribuição metodológica da TAR para a análise de ações comunicacionais em redes sociais on-line.

Em 2014, ao recorrermos à TAR, Tacyana Arce, Geane Alzamora e eu, no contexto da cobertura jornalística especializada das manifestações de junho de 2013, buscamos entender o panorama da mediação jornalística diante de mediadores midiáticos no exercício de dar a conhecer os fatos do mundo. (ARCE; ALZAMORA; SALGADO, 2014) O intuito de discutir as imbricações da mediação jornalística com outras formas de mediação na produção e circulação informacional, bem como os impactos dessas questões nas práticas profissionais, foi o que nos orientou. Analisamos o editorial veiculado pelo *Jornal Nacional* acerca do falecimento do cinegrafista Santiago Andrade, personificado na leitura feita pelo editor-chefe, William Bonner, disponibilizado em várias páginas de emissoras, jornais e produtos do grupo Globo.

Também nos voltamos para os rastros das repercussões midiáticas desencadeadas pela ação de visibilização do editorial mencionado, relacionando-o com outras ações jornalísticas que o antecederam, como a leitura de um outro editorial acerca da cobertura da Rede Globo das manifestações de 2013 pela jornalista e apresentadora Patrícia Poeta. No Twitter, no dia da leitura do editorial, em 17 de junho daquele ano, Patrícia alcançou os *trending topics*, sendo acusada pelos usuários de se omitir e criminalizar o movimento, destacando apenas seu caráter disruptivo. O desdobramento dessas ações, em circulação em rede intermídia, evidenciou o escrutínio, por parte das audiências, dos princípios canônicos do jornalismo visados pela Rede Globo. Assim, imparcialidade e objetividade foram postas à prova juntamente com o papel mediador do jornalismo.

Por fim, concluímos que o telejornal buscou reafirmar o seu papel intermediador e purificador ao ignorar a associação entre diferentes elementos, humanos e não humanos, que resultam na construção coletiva de uma realidade possível. Igualmente, verificamos que a mediação jornalística foi apresentada com base na reafirmação da emissora de um “eu medeio” institucional e deontológico que atenua o caráter híbrido de tal mediação. Com base nisso, defendemos que mediar é verbo defectivo conjugado apenas no plural, ou seja, não há um “eu medeio”, mas “nós mediamos”. Logo, “[...] nem o jornalista é exterior ao fato que relata, nem o social está dado de antemão. A mediação jornalística se torna híbrida, parte integrante e jamais autônoma do movimento coletivo de reagregar o social nas conexões intermediáticas da contemporaneidade”. (ARCE; ALZAMORA; SALGADO, 2014, p. 508)

Um exercício analítico guiado pelos princípios conceituais e metodológicos da TAR também foi feito por mim e demais colegas. (ALZAMORA et al., 2017) Investigamos as diversas ações decorrentes da alteração da Lei Geral da Copa do Mundo da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) implicadas na criação de uma zona de exclusão (sem comércio, sem trânsito de veículos e outras atividades, em um raio de 10 km) na região dos estádios do evento esportivo, divulgadas pela matéria feita pelo jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte (MG). Em 15 de maio de 2014, tal publicação jornalística destacou o intento do governo local em se utilizar do *campus* da UFMG como território FIFA durante a Copa do Mundo de 2014, a fim de assegurar uma zona de segurança para manifestações anticopa.

O texto jornalístico em questão foi amplamente repercutido em rede intermídia por meio de publicações on-line e off-line, implicando milhares de comentários em redes sociais on-line e também nas diversas assembleias de estudantes que foram realizadas dentro da UFMG naquele período. Em decorrência desses desdobramentos e efeitos desencadeados pela ação de alteração da Lei Geral da Copa, a página “UFMG Contra a Copa” foi criada no Facebook, incitando estudantes, professores, funcionários e cidadãos a resistirem contra a transformação da UFMG em território FIFA. Analisamos essa página ao tratarmos da questão problemática como uma controvérsia acerca da definição de um território FIFA, atentando também para as diversas mediações que a enredaram, bem como os diversos atores que integraram a dinâmica.

Ao seguirmos a controvérsia escolhida, rastreamos as diversas ações que foram se desdobrando ao longo do tempo acerca da configuração de um território FIFA manifestas em publicações e comentários no Facebook e no Twitter, conforme as *hashtags* utilizadas (UFMGNãoÉTerrítoriodaFIFA, OcupeAUFMG, UFMGOcupada e UFMGContraACopa). Também consideramos as repercussões na mídia impressa, como no jornal *Estado de Minas*, e na mídia alternativa, como na *Mídia Ninja*. Consideramos como atores, então, tanto os documentos de assembleias, a FIFA e as publicações na página do Facebook, quanto as matérias em mídia impressa e on-line, a UFMG, os estudantes, a reitoria e as forças militares. Assim, concluímos que houve uma multiplicidade de mediações (midiáticas, simbólicas e físicas) que agiram em rede na configuração da controvérsia “UFMG território FIFA”.

[49]

Um outro trabalho que destaco trata das ações sociotécnicas de objetos conectados, mais precisamente daqueles que integram a Internet das Coisas. Escrito em coautoria com Polyana Inácio, o artigo buscou (SALGADO; INÁCIO, 2017) evidenciar que as ações de objetos técnicos nos quais estão acoplados sensores que possibilitam conexão à internet e entre eles próprios são sociotécnicas. As redes de objetos vinculados por meio de protocolos IPV6 e etiquetas de radiofrequência (RFID) nos possibilitaram questionar as definições antropocêntricas de interação abordadas por perspectivas sociológicas interacionistas. Do mesmo modo, também pudemos problematizar a noção de objetos inteligentes, considerando que a inteligência é atribuída, grosso modo, apenas aos humanos.

Nesse sentido, defendemos que os objetos são sociais pois integram as dinâmicas associativas entre humanos. Ademais, sustentamos que os objetos assumem posição de sujeitos das interações sociais ao agirem e levarem outros a agir nas diversas situações cotidianas. As associações humanas e não humanas configuram uma rede que é sociotécnica, porque enreda diversas ações híbridas de múltiplos atores, mediando dados, informações, protocolos e conexões que entrelaçam humanos, técnicas e tecnologias com implicações políticas, econômicas, sociais, culturais, psíquicas e afetivas.

Retomando a argumentação feita nesta seção, depreendemos que as ações em redes sociais on-line adquirem sentido comunicacional em função dos rastros digitais que podem ser recuperados, uma vez que os usuários tenham tornado público o acesso aos dados digitais que produziram, de maneira consciente ou não, em associação sociotécnica, bem como pela abertura de seus perfis a qualquer pessoa, como destaca Bruno (2012, 2013, 2016). Nas palavras dessa pesquisadora:

O ato comunicacional ganha uma peculiaridade na internet. Não apenas acessamos, trocamos, produzimos conteúdos e informações diversas, mas deixamos um rastro dessa comunicação. Comunicar é deixar rastro. A máxima da pragmática 'não podemos não comunicar' pode ser reescrita: não podemos não deixar rastros. (BRUNO, 2012, p. 687)

O rastro digital, portanto, diz da inscrição de uma ação comunicacional que se deu anteriormente e que pode ser recuperada em função de seu apagamento

ou não pelos usuários ou pelas plataformas, como sustenta Bruno (2012). Os rastros digitais podem ser tratados como informações, segundo a TAR, que as compreende como transformações e alterações de sentidos, e não apenas como conteúdos intactos transportados de um lado para outro. Como informações, os rastros digitais são acumulados e combinados por centros de cálculo, de modo semelhante àqueles referidos por Latour (2013), e por nós entendidos, no caso específico das redes sociais on-line, como: computadores, *tablets*, *smartphones*, algoritmos e bancos de dados.

As plataformas midiáticas e os sistemas técnicos digitais, em associação a conteúdos, usuários, botões, *affordances* (condições para a ação) e materialidades, produzem rastros digitais que variam no tempo e de acordo com as plataformas, como sustenta Boullier (2015). As ações on-line fazem outros atores fazerem coisas. Criar uma conta não é apenas criar uma conta; é também publicar, curtir, compartilhar, comentar, adicionar usuários, receber notificações etc. Esse enredamento de mediações explicita que as ações se distribuem em rede, tal como afirma Latour (2012). Nesse sentido, publicar não é apenas publicar, mas receber curtidas, receber comentários e responder a esses comentários. Curtir não é apenas curtir; é também receber recomendação de usuários a seguir e publicações afins ao que foi curtido.

Redes sociais on-line

[51]

Em artigo que traduzi juntamente com Leonardo Melgaço, ao revisarem a noção de “rede” e as diferentes abordagens dessa concepção, Venturini, Munk e Jacomy (2018) sustentam que o termo “rede” possui ao menos três concepções nos estudos em CTS. A primeira concepção de “rede” diz respeito à “rede ator-rede”; a segunda se refere às “redes sociais”; e a terceira, às “redes digitais”. A primeira foi apresentada no tópico anterior, conforme a abordagem da TAR. A segunda se refere, por exemplo, aos graus de parentesco estudados por análises antropológicas estruturalistas ou mesmo graus de amizade entre pessoas da mesma cidade ou de uma mesma organização empresarial. As redes sociais, nesse sentido mais amplo e não restrito aos ambientes on-line, têm sido objeto de investigação de análises sociológicas próximas à Cientometria e à Análise

de Redes Sociais (ARS). Essas análises buscam aliar a metodologia e as técnicas matemáticas para medir e representar as conexões entre atores (nós e arestas) por meio de técnicas computacionais e grafos com o espaço de conexões de dados digitais – as redes digitais.

A relação entre ARS e TAR, entretanto, não se tornou profícua, pois a definição de “relações sociais” pela primeira vertente privilegia as associações humanas e se limita aos atores (nós ou pontos da rede) em detrimento das conexões (associações, vinculações), como apontam Venturini, Munk e Jacomy (2018). Os não humanos, então, poderiam oferecer dados relacionais e complementares às relações humanas, como defendem os três autores.

Como destaca Latour (2015a), os nós da rede por ele proposta, a rede ator-rede, não são nós no sentido daquilo que foi feito ou mesmo o fazer de alguma coisa, mas sim o “fazer fazer”. Mais do que olhar para a interação entre os atores de uma rede, como propõe a ARS, a TAR busca atentar para as mediações de atores, os quais também são rede. Ainda assim, a TAR recorre às representações visuais conhecidas como grafos para produzir análises, sobretudo com auxílio da ferramenta Gephi,^[5] que teve Mathieu Jacomy como um de seus desenvolvedores. Acerca dos encontros e desencontros entre ARS e TAR é válido consultar o artigo de Bastos, Recuero e Zago (2014).

O terceiro tipo de rede é a rede digital, enfatizada neste trabalho como rede social on-line. Apesar de o termo “rede social” ser o mais utilizado em português do Brasil tanto pelo senso comum quanto por pesquisas e produções acadêmicas (SALGADO, 2018b), preferir rede social on-line delimita e especifica as redes digitais com acesso à internet. Igualmente, o uso corriqueiro do termo “rede social”, que serve para descrever outras redes que não aquelas circunscritas à internet, como relações de parentesco ou de amizade, acaba por relacioná-lo às plataformas midiáticas on-line. Tomar o termo “redes sociais” por “plataformas midiáticas on-line” torna imprecisa a noção de “rede social” como “rede socio-técnica”, posto que enfatiza apenas as relações humanas em tais ambientes e atribui aos não humanos (conteúdos, materialidades, algoritmos, botões, códigos etc.) o papel de meros intermediários que servem à ação humana ou que a ela respondem. Logo, nem toda rede social se configura on-line.

[5] Disponível em: <https://gephi.org/>. Acesso em: 7 fev. 2022.

Com base na TAR, o on-line é caracterizado pelo agenciamento sociotécnico de materialidades, textualidades, algoritmos, *affordance*, usuários e sentidos. Assim, consideramos que a ação comunicacional on-line é sempre híbrida. Portanto, ela não é purificada, discriminando (leia-se separando, diferenciando), de um lado, humanos, e de outro, não humanos. Ela produz redes sociotécnicas, pois entrelaça usuários, materialidades e textualidades. Ademais, os termos “virtual” e “digital” não enfatizam o fato de as pessoas e seus aparatos estarem conectados à internet, aspecto que o termo “on-line” explicita, ao mesmo tempo em que contempla a ideia de digital (os códigos binários, de 0 e 1). O termo “site” em “sites de redes sociais”, por exemplo, também não abrange a variedade de formas de acesso às redes sociais on-line, que podem se dar, ainda, por meio de aplicativos. Em vista disso, o termo “redes sociais on-line” é mais preciso e possibilita o seu entendimento como “redes sociotécnicas”.

As redes sociais on-line são regidas por algoritmos. (ARAÚJO, 2017; GIELEN; ROSEN, 2016; GILLESPIE, 2010, 2014a, 2014b; JURNO, 2016; KOLOWICH, 2016) É isso que as qualifica, juntamente com a conexão à internet, como on-line. Os algoritmos são a base de sistemas operacionais informáticos, abstrações pensadas e programadas por seres humanos a fim de solucionarem problemas e efetuarem tarefas previamente estabelecidas por um conjunto de protocolos (instruções) que lhes foram fornecidas. (CARDON, 2015)

De acordo com Goffey (2008), os algoritmos integram uma rede complexa de operações e ações que agem umas sobre as outras e enredam múltiplos dados, que alimentam os cálculos por eles realizados. Em suma, os algoritmos podem operar por cálculos matemáticos, códigos, ou *softwares* que reconhecem informações e produzem outras. (GILLESPIE, 2014a, 2014b) Os algoritmos possuem cinco grandes habilidades, conforme Saffer (2014): realizam ações repetitivas velozmente, têm boa capacidade de avaliação lógica em contexto de múltipla escolha, fazem projeções, avaliam o passado e constataam fatores negligenciados e esquecidos em análises. De acordo com Cortez (2016), essas habilidades são combinadas nos cálculos feitos pelos algoritmos.

A partir das informações que os alimentam, os algoritmos passam a aprender sozinhos quais são os padrões de comportamento de usuários, isto é, como eles agem on-line. Com base nessas recorrências, os algoritmos se tornam capazes de reduzirem a incerteza sobre como iremos agir e, assim, recomendam-nos anúncios e conteúdos (BRUNO, 2013; CARDON, 2013, 2015), sugerindo e

disponibilizando novas informações ou informações esquecidas, argumentam Gillespie (2014a, 2014b) e Cardon (2015). Tais preferências, por sua vez, resultam de escolhas que fazemos com base naquilo que nos é recomendado pelos algoritmos. Trata-se, então, de uma dinâmica espiralar de mediações: à medida que agimos on-line, clicando em botões que nos possibilitam seguir, receber notificações, curtir, comentar e compartilhar conteúdos, os algoritmos se valem dos rastros dessas ações para calcularem aquilo que deve aparecer para nós.

Nesse sentido, as ações sociotécnicas on-line agenciam materialidades, usuários, conteúdos, *affordances*, botões e algoritmos, de modo que publicações são destacadas, excluídas ou tornadas pouco visíveis em função dessas ações. (GILLESPIE, 2014b) No Facebook, os algoritmos do *feed* de notícias sublinham as notícias e publicações de amigos com os quais nos relacionamos mais (por meio de trocas de mensagens, curtidas de conteúdos, conversas pelo *chat* do Facebook, amizades recentes). (GILLESPIE, 2014b; JURNO, 2016) As interações em redes sociais on-line, portanto, não são apenas sociais no sentido clássico (apenas humanas). Por isso, as redes sociais on-line são redes sociotécnicas.

A recomendação de conteúdos em redes sociais on-line funciona com base no cruzamento de informações geradas por algoritmos, como evidenciam Adomavicius e Tuzhilin (2005). A base operacional desses sistemas depende da combinação algorítmica. De fato, não se trata apenas de um algoritmo responsável por coordenar sozinho toda a rede social on-line em questão, mas um conjunto de algoritmos que executam múltiplas operações. (ARAÚJO, 2017; CORTEZ, 2016; GIELEN; ROSEN, 2016; JURNO, 2016)

A associação de algoritmos com as ações de usuários, que culmina na recomendação híbrida de conteúdos, não é algo recente. Conforme Kolowich (2016), o Facebook o faz desde setembro de 2006, e o Twitter, desde 2015.^[6] O mesmo é feito para o Instagram, segundo o anúncio oficial feito por essa plataforma em 15 de março de 2016. (BLOG DO INSTAGRAM, 2016) Como enfatiza Kolowich (2016), os algoritmos de rede sociais on-line são diferentes e são atualizados constantemente em função das ações dos usuários.

[6] Disponível em: <https://newsroom.fb.com/news/2015/06/news-feed-fyi-taking-into-account-time-spent-onstories>. Acesso em: 12 fev. 2018. As mudanças no algoritmo do Facebook estão disponíveis em: <http://wallaroomedia.com/facebook-newsfeed-algorithm-change-history>. Acesso em: 12 fev. 2018.

Logo, o agenciamento sociotécnico de algoritmos é a mediação que produz efeitos distribuídos em rede e, ao mesmo tempo, um conjunto de efeitos que visam a produzir novas mediações. É a capacidade de ação de algoritmos e de usuários, atrelada à ação de materialidades, textualidades e *affordances*, aquilo que caracteriza, então, as redes sociais on-line. De acordo com Bruno (2013), as tecnologias são proativas. Elas não apenas agem conosco, como também agem entre si, antecipando ações e solucionando problemas (cálculos) futuros.

Uma vez que algoritmos e usuários em redes sociais on-line agem em comum, isto é, a ação de um não se dá de maneira desvinculada da ação do outro, esta ação é comunicacional. É comum o fato de usuários e algoritmos, bem como as materialidades utilizadas (*smartphones, tablets, desktops, laptops*, navegadores, aplicativos) e as textualidades produzidas (comentários, curtidas, visualizações, compartilhamentos, imagens, *links, hashtags*), estarem implicados em uma mesma ação, qual seja, uma ação sociotécnica on-line. A qualidade comunicacional desta ação reside no fato de os atores estarem em contato e em contágio mútuo, quer dizer, em mediação, em associação que acarreta interferências recíprocas, o que repercute na alteração de sentidos produzidos por ambos conjuntamente. A associação sociotécnica de tais atores é o que possibilita a concretização e a materialização da ação em curso. Sem a vinculação entre usuários e algoritmos, materialidades e textualidades, a ação comunicacional on-line, de ordem híbrida, não se efetiva. Em outras palavras, se esses elementos não se agregam e se afetam, não há ação comunicacional.

[55]

Ações comunicacionais on-line

As ações on-line medeiam outras ações e outros atores. Como mediação, as ações on-line podem ser descritas como comunicacionais por descreverem um conjunto de ações que se vinculam e agenciam materialidades, textualidades, algoritmos, *affordances*, usuários e sentidos. Essas ações evidenciam a ruptura com o isolamento, sentido presente na etimologia latina da palavra comunicação (*communicatio*) e do verbo comunicar (*communicare*). (SALGADO; MATTOS, 2019)

De fato, não há isolamento em redes sociais on-line, a não ser quando um perfil é apenas criado e não age, isto é, não adiciona usuários, não publica,

não curte, não compartilha, não comenta etc. Quando publicamos, outros podem curtir nossa publicação, comentá-la ou compartilhá-la. As ações de curtir, publicar, comentar, compartilhar e outras deixam rastros digitais. Esses rastros alimentam os algoritmos das redes sociais on-line nas quais agimos e fazemos outros agir. Alimentados com nossos dados digitais, os algoritmos nos recomendam publicações que novamente irão mediar outras ações que deixarão rastros digitais. De modo mais específico, os rastros digitais de redes sociais on-line podem ser apreendidos por meio dos dados estatísticos disponibilizados gratuitamente por essas plataformas.

As métricas das redes sociais on-line, isto é, os números de inscrições, seguidores, publicações, visualizações, curtidas, reações, comentários e compartilhamentos são rastros de ações comunicacionais on-line, pois apontam para uma ou mais ações (inscrever-se, seguir, publicar, visualizar, curtir, comentar, compartilhar), para um lócus (Facebook, YouTube, Twitter, Instagram etc.) e para atores – algoritmos das redes; criadores de conteúdos; perfis institucionais ou de usuários (pessoas físicas ou mesmo contas fictícias, as contas *fake*); quem curtiu; quem comentou; quem compartilhou; quem publicou ou mencionou outro alguém etc.

Essas ações permanecem incertas, aos moldes de caixas-pretas que, ao serem abertas, apontam para outras ações e para outros atores. Não sabemos exatamente quem visualizou, curtiu, publicou, comentou ou compartilhou. Isso pode ser recuperado por meio de *softwares* e ferramentas que coletam esses dados. Em redes sociais on-line, compreendidas conforme a dimensão socio-técnica que apresentam, caracterizada pela conexão à internet e pela dimensão digital dos dados produzidos, a ação comunicacional adquire especificidade em função das *affordances* das plataformas e dos atores que elas enredam. Assim, Facebook, Instagram, YouTube e Twitter, bem como outras redes sociais on-line, disponibilizam um conjunto de ações que podem ser realizadas nelas.

Nesse sentido, uma tipologia das ações comunicacionais on-line pode incluir as ações de publicar, visualizar, seguir, curtir, comentar, compartilhar e outras, que adquirem sentido comunicacional quando tais ações e seus respectivos atores, não previamente determinados, mas apreendidos em ação, vinculam-se ou associam-se, ou se desconectam, e fazem fazer ou fazem deixar de fazer outros atores e outras ações. Essa dinâmica culmina na transformação de atores e de sentidos, que estão atrelados aos efeitos produzidos. Por exemplo, se uma

[56]

publicação nada faz fazer, não é comunicacional. Se um comentário não acarreta mudança na dinâmica de atores e de ações, como no caso “UFMG território FIFA”, isto é, não altera sentidos nem enreda outras textualidades, botões e usuários, não é ação comunicacional. As publicações, os conteúdos e os comentários, então, não são unidades de análise, mas compostos de ações e de atores que precisam ser investigados de modo a evidenciarem a pluralidade de mediações e efeitos em redes sociais on-line.

Comunicar, com base na perspectiva da TAR, diz respeito, então, à ação de colocar em contato e em contágio mútuo diversos atores, humanos ou não, que não se limitam e não se reduzem a si mesmos. Igualmente, a desassociação ou desvinculação de atores caracteriza a ação comunicacional, pois os sentidos também são alterados. No exemplo do editorial lido no *Jornal Nacional* sobre a morte de um cinegrafista brasileiro, durante as manifestações de junho de 2013, a circulação intermídia do texto e a repercussão midiática em comentários e publicações on-line adicionaram novas camadas de significado às manifestações e ao papel mediador da cobertura jornalística daquele acontecimento.

A publicação de conteúdos em redes sociais on-line, portanto, não se restringe à ação de um único usuário, pois se distribui em ações de algoritmos, botões, *affordances* e de outros usuários, que também podem visualizar a postagem, curtir-la, comentá-la e compartilhá-la, conforme as condições de ação ofertadas nos referidos ambientes. Em redes sociais on-line, o contato entre atores se dá por meio dos conteúdos, que também são atores, bem como pela adição de novos usuários a uma conta. Da publicação de conteúdos decorrem outras ações, que passam a estar associadas por levarem os atores à ação. As ações comunicacionais em redes sociais on-line se contagiam por enredarem outras ações: publicar é uma ação contagiada pela ação de compartilhar, que por sua vez é contagiada pela ação de comentar, que a seu turno é contagiada pela ação de marcar um usuário ou responder a ele, e assim sucessivamente, quando uma ação leva a outra.

Todos os atores de uma rede social on-line comunicam quando se associam e se vinculam. É esse aspecto híbrido que caracteriza essas redes como sociotécnicas. A desvinculação, desassociação ou desconexão de atores e ações também integra a ação comunicacional. A comunicação não é, portanto, propriedade exclusiva de um sujeito dotado de consciência que age sobre objetos inertes

e inanimados, como preveem as abordagens racionalistas e antropocêntricas modernas. A comunicação se distribui entre os atores.

Nesse sentido, como exemplificado antes, não há um “eu comunico”, mas “nós comunicamos”, sendo o “nós” a variedade de atores que se associam em redes sociotécnicas. A comunicação explícita, assim, a hifenização ator-rede por ser uma ação que ata elementos dispersos e, a princípio, isolados. O encontro de entidades humanas e não humanas forma uma terceira entidade, híbrida, irreduzível a suas partes. Juntas, essas entidades produzem sentidos, ou seja, fabricam as trajetórias de ações que se emaranham no agenciamento socio-técnico que conecta os atores.

Conceber a ação comunicacional dessa maneira implica a compreensão plural e incerta daquilo que nos afeta, daquilo que nos faz fazer alguma coisa, de modo que a definição dos atores, bem como a quantidade e as especificidades deles, não são selecionadas ou determinadas de antemão. São as ações que qualificam os atores. Em outros termos, há atores porque há ação, e não o inverso. Em ação, rastros são deixados e dizem das ações realizadas e dos atores que as performaram.

Ao seguir os rastros de ações on-line, as investigações podem rastrear a produção do social, conforme o fundamento pragmático da TAR, que acentua a associação e a mediação de humanos e de não humanos. O social, portanto, é fabricado, cada vez mais, pelo uso crescente de redes sociais on-line.

As noções de ação e de social ofertadas pelas Sociologias Pragmáticas Francesas, sobretudo pela TAR, possibilitaram revermos a ideia de ação comunicacional em redes sociais on-line. Em função da associação entre humanos e não humanos nesses ambientes digitais, estes locais podem ser caracterizados como redes sociotécnicas. Assim, essa qualificação considera que as ações realizadas por diversos atores nessas redes são híbridas e compartilhadas, bem como são distribuídas espaço-temporalmente.

Nesse sentido, publicar um conteúdo on-line não é apenas uma decisão individual de um sujeito racional humano que aperta um botão em seu celular ou em seu computador. Trata-se de um enredamento de ações que também são influenciadas por um conjunto de outras ações. Por exemplo, para postar um conteúdo, é preciso ligar o computador, acessar a internet, ter se inscrito em alguma rede social on-line, realizar o *login*, inserir uma imagem ou vídeo, escrever ou não algum texto e clicar em “publicar”. Cada uma dessas ações também é calculada por uma máquina. Se pensarmos de maneira mais ampla, uma publicação pode ser feita em resposta a outra publicação, que pode ter sido feita em função de uma série de outras ações que culminaram nela, como uma recomendação algorítmica. Em vista disso, como sustenta a TAR, uma ação é alocal, isto é, a sua origem não pode ser localizada. Essa proposta rompe, portanto, com a Sociologia do Social, vertente clássica da Sociologia que prioriza as ações humanas em detrimento das não humanas. Essa corrente sequer considera que não humanos possam agir e, se o faz, toma-os como seres irracionais (animais) ou inanimados (objetos, minerais, vegetais, sentimentos etc.).

As ações que compõem o mundo, então, são plurais e incertas, quer dizer, são muitos os atores que agem e levam à ação outros atores, humanos ou não. É esse fundamento pragmático que caracteriza as Sociologias Pragmáticas Francesas ou Novas Sociologias, elaboradas no final dos anos 1970 e no início dos anos 1980, na França. As três vertentes que compõem essas outras sociologias – a TAR, a Sociologia Política e Moral e a Sociologia Pragmática e Reflexiva – centram suas análises nas ações, ao invés de focarem na definição prévia do que age e de quais são as estruturas nas quais os atores agem. Por isso, as Novas

Sociologias se configuram como associologias, quer dizer, investigam as associações entre humanos e não humanos. Elas são sociológicas, portanto, não pelo fato de se voltarem para o estudo do social ou da sociedade como materiais ou matérias que antecedem as associações, mas justamente por considerarem que tanto o social quanto a sociedade resultam das associações.

O fundamento pragmático das Sociologias Pragmáticas Francesas evidencia, ainda, que as ações humanas não podem ser pensadas de modo desvinculado das ações não humanas, pois são os não humanos que caracterizam os humanos como tais. Dito de outra maneira, as ações humanas e as ações não humanas são interdependentes. Nesse sentido, agir é associar-se ou, em outros termos, ação é associação. As ações produzem diferenças, isto é, acarretam mudanças do curso de ações, dos atores em ação, do que possibilitam as ações, do como e de onde as ações se realizam.

Com base nessa compreensão, a comunicação se estende tanto para humanos quanto para não humanos. Isso quer dizer que não humanos comunicam tanto quanto humanos comunicam. Por outro lado, isso não significa considerar que humanos e não humanos ajam da mesma maneira, mas significa tratar ambas as ações como híbridas. Em outras palavras, não se trata de isolar ações humanas de ações não humanas, mas descrevê-las como partilhadas e distribuídas em um dinâmica que é nomeada “rede”. Esse enredamento híbrido é o que produz o social e a sociedade, feitos a todo instante, conforme as ações e os atores nele implicados.

[60] O fundamento pragmático das Novas Sociologias, assim, auxilia a descrição e a análise de ações comunicacionais em redes sociais on-line ao direcionar a compreensão de que associar é pôr em comum. A comunicação, como ação comum, é também associação, caracterizando-se especificamente por romper com o isolamento, sendo comum, portanto, o fato de atores agirem juntos na produção de sentidos, acarretando mudanças nas redes que tecem quando agem e fazem agir outros atores. As vinculações ou associações são temporárias e provisórias, incertas e plurais. Elas duram o tempo que duram as ações. Tempo e espaço são produzidos em ação, pois são distribuídos entre os variados atores, partícipes da dinâmica em curso.

Em redes sociais on-line, a especificidade das associações híbridas reside nos atores que se vinculam e possibilitam a caracterização on-line dessas redes, como algoritmos, botões, *links*, *hashtags*, diretamente atrelados às *affordances*

por elas providas e reconfiguradas juntamente às ações de usuários. Desse modo, é possível afirmar que cada rede se diferencia de outra em função dos atores que agem, dos atores que são levados a agir e das ações em curso, bem como de seus efeitos no emaranhado em questão. Há ação comunicacional em redes sociais on-line, portanto, porque há associação entre elementos híbridos. Quando estes rompem o isolamento, ou seja, associam-se uns aos outros, entram em contato e em contágio mútuo. Assim, ir ao encontro de outro, humano ou não, fazendo-o fazer e alterando-o, é comunicar. As ações comunicacionais explicitam esse enredamento híbrido de atores, cujos efeitos alteram os sentidos e as entidades por meio do contato e do contágio.

Em suma, a especificidade de ações comunicacionais on-line reside no agenciamento sociotécnico que conjuga algoritmos computacionais e digitais, *affordances*, materialidades, textualidades, sentidos e usuários. A particularidade de tais ações também se encontra na permeabilidade e na compatibilidade das plataformas midiáticas on-line, o que as possibilita estarem em conexão, isto é, que uma mesma publicação com *links*, *hashtags*, *memes*, GIFs, *emoticons*, *emojis*, áudio, vídeo ou foto sejam compartilhados em diferentes plataformas. Os sistemas de recomendação de redes sociais on-line são híbridos, pois se atrelam às ações de atores para tornarem visíveis ou pouco visíveis publicações de contas neles inscritas. De fato, todos os atores implicados em ações são responsáveis por elas.

Agir de um modo e não de outro acarreta efeitos distintos cujas implicações éticas tangenciam questões de respeito, tolerância, pacificidade, abuso de autoridade, privilégio de informações, entre outras. Esses são pontos que podem ser explorados por outras pesquisas que se dediquem às redes sociais on-line e aos diferentes conteúdos e modos de ação nelas. Nomear uma ação (curtir, compartilhar, publicar, notificar, visualizar, comentar, entre outras possíveis) é especificar a qual tipo de ação se faz menção, bem como enfatizar um ou outro aspecto que possibilita a sua diferenciação em relação a outras ações. Com isso, não basta afirmar que uma certa ação é comunicacional. É preciso nomeá-la e caracterizá-la, pois, ao fazer isso, um conjunto específico de atores é explicitado, de modo que a pluralidade e a incerteza das ações são evidenciadas. Este esforço não significa desvincular uma ação de outras ações e de outros atores, pois as ações são diversas e enredam múltiplos agentes, não determinados *a priori*.

Referências

ADOMAVICIUS, G.; TUZHILIN, A. Towards the Next Generation of Recommender Systems: A Survey of the State-of-the-Art and Possible Extensions. *IEEE Transactions on Knowledge and Data Engineering*, New York, v. 17, n. 6, p. 734-749, jun. 2005. Disponível em: <http://pages.stern.nyu.edu/~atuzhili/pdf/TKDE-Paper-as-Printed.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2017.

AKRICH, M. Como descrever os objetos técnicos? *Boletim Campineiro de Geografia*, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 161-182, 2014. Disponível em: http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/view/147/pdf_v4n1_MadeleineAkrich. Acesso em: 4 fev. 2022.

ALZAMORA, G. C.; ARCE, T.; NOGUEIRA, P.; SALGADO, T. B. P. UFMG territoire FIFA: de multiples médiations en pleines controverses. In: BONENFANT, M.; DUMAIS, F.; TRÉPANIÉ-JOBIN, G. (org.). *Les pratiques transformatrices des espaces sicionumériques*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2017. p. 181-196.

ANDRADE, R. G. Considerações sobre a palavra pragma. *Cognitio*, São Paulo, SP, v. 1, n. 1, p. 8-18, 2 sem. 2000. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/13386/9922>. Acesso em: 23 maio 2016.

ARAÚJO, W. F. *As narrativas sobre os algoritmos do Facebook: uma análise dos 10 anos do Feed de Notícias*. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/157660>. Acesso em: 15 out. 2017.

ARCE, T.; ALZAMORA, G.; SALGADO, T. B. P. Mediar, verbo defectivo: contribuições da Teoria Ator-Rede para a conjugação da mediação jornalística. *Contemporânea*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 495-511, set./dez. 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/12308/9374>. Acesso em: 16 jan. 2017.

ARCE, T.; SALGADO, T. B. P. A crise da mediação jornalística em provação: uma análise textual de artigos do Medium. *Parágrafo*, [s. l.], v. 4, n. 2,

p. 156-163, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/issue/view/50/showToc>. Acesso em: 21 jan. 2022.

BARAD, K. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. Tradução de Thereza Rocha. *Revista Vazantes*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 7-34, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20451>. Acesso em: 13 jan. 2022.

BARTHE, Y. *et al.* Sociologia Pragmática: guia do usuário. *Sociologias*, Rio Grande do Sul, v. 18, n. 41, p. 84-129, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/64185/37169>. Acesso em: 1 ago. 2016.

BASTOS, M. T.; RECUERO, R.; ZAGO, G. Encontros e Desencontros Entre TAR e ARS: o laço fraco entre teoria e método. *Contemporânea*, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 576-594, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/12294/9372>. Acesso em: 19 jan. 2022.

BÉNATOUIL, T. Critique et pragmatique en sociologie: quelques principes de lecture. *Annales Histoire, Sciences Sociales*, Cambridge, v. 54, n. 2, p. 281-317, 1999. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1999_num_54_2_279749. Acesso em: 4 ago. 2017.

BENDER, M.; COELHO, G. B. Anthony Giddens e Pierre Bourdieu: é possível falar em pós-estruturalismo? *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 7, n. 1, p. 59-70, jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922006000200017>. Acesso em: 19 abr. 2022.

BLOG DO INSTAGRAM. *See the moments you care about first*. Online. [S. l.], 15 mar. 2016. Disponível em: <http://blog.instagram.com/post/141107034797/160315-news>. Acesso em: 11 fev. 2018.

BLOK, A.; JENSEN, T. E. *Bruno Latour: hybrid thoughts in a hybrid world*. New York: Routledge, 2011.

BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. *De la justification: les économies de la grandeur*. Paris: Éditions Gallimard, 1991.

BOLTANSKI, L. Préface. In: NACHI, M. *Introduction à la sociologie pragmatique*. Paris: Armand Colin, 2006. p. 9-16.

BORGES JÚNIOR, E. Sobre a ação nas redes digitais: Da “ação transitiva” ao “ato conectivo”. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (org.). *Net-ativismo*:

redes digitais e novas práticas de participação. Campinas: Papyrus, 2019. Cap. 9. E-book (não paginado).

BOULLIER, D. Les sciences sociales face aux traces du big data. Société, opinion ou vibrations? *Revue française de science politique*, Lyon, v. 65, n. 5, p. 805-828, 2015. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-science-politique-2015-5-page-805.htm>. Acesso em: 15 ago. 2016.

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRUNO, F. *Máquinas de ver, modos de ser*: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BRUNO, F. Rastrear, classificar, performar. *Ciência e Cultura*, Campinas, SP, v. 68, n. 1, p. 34-38, mar. 2016. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v68n1/v68n1a12.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2017.

BRUNO, F. Rastros digitais: o que eles se tornam quando vistos sob a perspectiva da Teoria Ator-Rede? *Famecos*, Rio Grande do Sul, v. 19, n. 3, p. 681-704, set./dez. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/4410/330>. Acesso em: 18 set. 2017.

CALLON, M. Dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. *Sociologias*, Rio Grande do Sul, ano 10, n. 19, jan./jun. 2008, p. 302-321. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1517-45222008000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 5 fev. 2015.

CALLON, M.; LATOUR, B. Por uma Sociologia relativamente exata. In: VANDENBERGHE, F.; WEID, O. (org.). *Novas antropologias*. Rio de Janeiro: Terceiro ponto, 2016. p. 18-47. Disponível em: https://www.sociofilo.org/_files/ugd/567d55_35e2741bdccc409ab0ad6d3d5d6356b2.pdf. Acesso em: 4 fev. 2022.

CALLON, M.; LATOUR, B. Unscrewing the big Leviathan: how actors macro-structure reality and how sociologists help them to do so. In: KNORR, K.; CICOUREL, A. (ed.). *Advances in Social Theory and Methodology*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1981. p. 277-303. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/09-LEVIATHANGB.pdf>. Acesso em: 2 maio 2017.

[65]

CALLON, M.; LHOMME, R.; FLEURY, J. Pour une sociologie de la traduction en innovation. *Recherche & Formation*, Lyon, n. 31, p. 113-126, 1999. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/refor_0988-1824_1999_num_31_1_1574. Acesso em: 17 jan. 2018.

CARDON, D. *À quoi rêvent les algorithmes: nos vies à l'heure du Big Data*. Paris: Éditions du Seuil, 2015.

CARDON, D. Présentation. *Réseaux*, Cannes, n. 177, p. 9-21, 2013. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-reseaux-2013-1-page-9.htm>. Acesso em: 5 fev. 2018.

CHATEAURAYNAUD, F. *Argumenter dans un champ de forces: essai de balistique sociologique*. Paris: Éditions PETRA, 2011.

CHATEAURAYNAUD, F. *La faute professionnelle: une sociologie des conflits de responsabilité*. Paris: Métailié, 1991.

CHATEAURAYNAUD, F. L'épreuve du tangible: expériences de l'enquête et surgissements de la prévue. In: KARSENTI, B.; QUÉRÉ, L. (ed.). *La croyance et l'enquête: aux sources du pragmatisme*. Paris: Éd. de L'EHESS, 2004. p. 167-194. (Collection Raisons Pratiques, n. 15). Disponível em: <https://www.gspr-ehess.com/documents/FC-Epreuve-du-tangible-2004.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2015.

CHATEAURAYNAUD, F. Pragmatique des transformations et sociologie des controverses: les logiques d'enquête face au temps long des processus. In: CHATEAURAYNAUD, F.; COHEN, Y. (org.). *Histoires pragmatiques*. Paris: Éd. de L'EHESS, 2016. p. 349-375. (Collection Raisons Pratiques, n. 25).

CHATEAURAYNAUD, F. *Prospéro: une technologie littéraire pour les sciences humaines*. Paris: CNRS, 2003.

CHATEAURAYNAUD, F. Trajectoires argumentatives et constellations discursives: exploration socio-informatique des futurs du nanomonde. *Réseaux*, Cannes, v. 188, n. 6, p. 121-158, 2014. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-reseaux-2014-6-page-121.htm>. Acesso em: 7 ago. 2015.

CONSOLIM, M. Émile Durkheim e Gabriel Tarde: aspectos teóricos de um debate histórico (1893-1904). *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 53, n. 2, p. 39-65, 2010. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/download/24116/16147>. Acesso em: 13 mar. 2016.

CORCUFF, P. *As Novas Sociologias: construções da realidade social*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

CORRÊA, D. S. Do problema do social ao social como problema: elementos para uma leitura da Sociologia Pragmática Francesa. *Política & Trabalho*, Paraíba, n. 40, p. 35-62, abr. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/18140>. Acesso em: 9 maio 2017.

CORRÊA, D. S. Entrevista com Luc Boltanski. *Sociofilo*, Rio de Janeiro, (Co)laboratório de Teoria Social, [s. l.], 2011. 5 jul. 2016. Disponível em: <https://blogdosociofilo.wordpress.com/2016/07/05/entrevista-com-luc-boltanski/>. Acesso em: 27 nov. 2017.

CORRÊA, D. S. Novos rumos da teoria social a partir de três gestos da Sociologia Pragmática. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 36, n. 105, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/3610505/2020>. Acesso em: 14 jan. 2022.

CORRÊA, D. S.; CASTRO, R. A “virada pragmática” na Sociologia francesa pós-bordieusiana. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 38., 2014, Caxambu, MG. *Anais [...]*. São Paulo: ANPOCS, 2012. p. 1-26. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-38-encontro/gt-1/gt40-1/9212-a- viradapragmatica- na-sociologia-francesa-pos-bourdieuiana/file>. Acesso em: 9 maio 2017.

CORRÊA, D. S.; DIAS, R. C. A crítica e os momentos críticos: De la Justification e a guinada pragmática na Sociologia francesa. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 67-99, abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v22n1/1678-4944-mana-22-01-00067.pdf>. Acesso em: 27 out. 2017.

[67]

CORTEZ, N. M. P. *Dinâmicas de circulação de música na ecologia de streaming: semiose em redes híbridas*. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-ABYECZ>. Acesso em: 15 mar. 2017.

DESCOMBES, V. En guise d'introduction: science sociale, science pragmatique. *Critique*, Scotland, UK, n. 529-530, p. 419-426, 1991. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/contemporains/descombes_vincent/en_guise_intro_sc_sociale/en_guise_intro_sc_sociale.pdf. Acesso em: 5 set. 2017.

DE WAAL, C. *Sobre pragmatismo*. São Paulo: Loyola, 2007.

DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, J. O desenvolvimento do pragmatismo americano. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 227-243, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11111/12879>. Acesso em: 18 set. 2017.

DOSSE, F. *O império do sentido: a humanização das Ciências Humanas*. Bauru, SP: EDUSC, 2003. (Coleção História).

FERREIRA, A. A. L. Na busca de um pragmatismo forte: articulações entre o empirismo radical e a Teoria do Ator-Rede. In: VIDAL, V.; CASTRO, S. *A questão da verdade: da metafísica moderna ao pragmatismo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 68-89.

FOSSIER, A.; GARDELLA, E. Entretien avec Bruno Latour. *Tracés*, Toulouse, v. 1, n. 10, p. 113-129, 2006. Disponível em: <https://traces.revues.org/158>. Acesso em: 27 out. 2017.

FRANÇA, V. V.; SIMÕES, P. G. *Curso básico de Teorias da Comunicação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GIDDENS, A.; TURNER, J. H. (org.). *Teoria social hoje*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

GIELEN, M; ROSEN, J. Reverse engineering: the YouTube algorithm. *TubeFilter*, [s. l.], 23 jun. 2016. Disponível em: <http://www.tubefilter.com/2016/06/23/reverseengineering-Youtube-algorithm>. Acesso em: 3 jul. 2016.

[68] GILLESPIE, T. Facebook's algorithm – why our assumptions are wrong, and our concerns are right. *Culture Digitally*, Madrid, ES, 2014a. Disponível em: <http://culturedigitally.org/2014/07/facebook-algorithm-why-our-assumptions-are-wrongand-our-concerns-are-right>. Acesso em: 11 nov. 2016.

GILLESPIE, T. The Relevance of Algorithms. In: GILLESPIE, T.; BOCZKOWSKI, P. J.; FOOT, K. A. (ed.). *Media technologies: essays on Communication, Materiality, and Society*. London, England: MIT Press, 2014b. Cap. 9, p. 167-193.

GILLESPIE, T. The politics of 'platforms'. *New Media & Society*, London, v. 12, n. 3, p. 347-364, 2010. Disponível em: <http://nms.sagepub.com/content/12/3/347.full.pdf+html>. Acesso em: 11 nov. 2016.

GOFFEY, A. Algorithm. In: FULLER, M. *Software studies: a lexicon*. Cambridge, London: The MIT Press, 2008. p. 15-20.

GÓMEZ, D. L.; TIRADO, F. J. Teoría del Actor-Red: Un pragmatismo contemporáneo. In: SERRANO, F. T.; GÓMEZ, D. L. (ed.). *Teoría del Actor-Red: Más allá de los estudios de ciencia y tecnología*. Barcelona: Amentia, 2012. p. 1-16.

HABERMAS, J. *The theory of communicative action: Reason and the rationalization of society*. Boston: Beacon Press, 1984.

HARMAN, G. *Bruno Latour: reassembling the political*. London: Pluto Press, 2014.

HARMAN, G. *Object-Oriented Ontology: A New Theory of Everything*. London, England, UK: Pelican, 2018.

HARMAN, G. *Prince of Networks: Bruno Latour and Metaphysics*. Melbourne: Re.Press, 2009.

HARMAN, G. *The Quadruple Object*. Winchester, Washington: Zero Books, 2011.

HARMAN, G. Undermining, Overmining, and Duominging: A Critique. In: SUTELLA, J. (ed.). *ADD Metaphysics*. Espoo, Finlândia: Aalto University Design Research Laboratory, 2013. p. 40-51.

HENNION, A. D'une sociologie de la médiation à une pragmatique des attachements. *SociologieS*, Strabourg, p. 1-46, 25 jun. 2013. Disponível em: <http://sociologies.revues.org/4353>. Acesso em: 14 maio 2017.

JAMES, W. *The meaning of Truth*. New York: Dover Publications Inc., 2002.

[69]

JURNO, A. C. *Agenciamentos coletivos e textualidades em rede no Facebook: uma exploração cartográfica*. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/157660>. Acesso em: 15 mar. 2017.

KOLOWICH, L. How the News Feed Algorithms work on Facebook, Twitter & Instagram. *Hubspot*, [s. l.], 14 abr. 2016. Disponível em: <https://blog.hubspot.com/marketing/how-algorithm-works-facebook-twitter-instagram>. Acesso em: 11 fev. 2018.

LATOURE, B. Avoir ou ne pas avoir de réseau: that is the question. In: AKRICH, M. et al. (org.). *Débordements: mélanges offerts à Michel Callon*. Paris: Presse des Mines, 2010. p. 257-268. Disponível em: https://th3.fr/imagesThemes/docs/6_LATOURE_RESEAUX.pdf. Acesso em: 4 fev. 2022.

LATOUR, B. Beware your imagination leaves digital traces. *Times Higher Literary Supplement*, Lyon, p. 1-3, 6 abr. 2007. Disponível em: <http://www.brunolatour.fr/sites/default/files/P-129-THES-GB.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2018.

LATOUR, B. Bruno Latour: The Social as Association. In: GANE, Nicholas. *The Future of Social Theory*. London: Continuum, 2004a. Cap. 4, p. 79-90.

LATOUR, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LATOUR, B. Faturas/Fraturas: da noção de rede à noção de vínculo. Tradução de Theophilos Rifiotis, Dalila Floriani Petry e Jean Segata. *Ilha*, Santa Catarina, v. 17, n. 2, p. 123-146, 2015a. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n2p123/31059>. Acesso em: 18 fev. 2016.

LATOUR, B. Gabriel Tarde and the End of the Social. In: JOYCE, P. *The Social in Question*. New Bearings in History and the Social Sciences. London: Routledge, 2002. p. 117-132. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/82-TARDEJOYCE-SOCIAL-GB.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2014.

LATOUR, B. *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994a.

[70]

LATOUR, B. On selves, forms, and forces. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, London, v. 4, n. 2, p. 261-266, 2014. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.14318/hau4.2.014>. Acesso em: 22 mar. 2018.

LATOUR, B. On technical mediation. *Common Knowledge*, Sydney, v. 3, n. 2, p. 29-64, 1994b. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/54-TECHNIQUES-GB.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2015.

LATOUR, B. *Pasteur: guerre et paix des microbes, suivi de Irréductions*. Paris: La Découverte, 2001.

LATOUR, B. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba; Bauru: EDUSC, 2012.

LATOUR, B. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 39-63. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/64-JACOB-BIBAL-POR.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.

LATOUR, B. Sur un livre d'Étienne Sourriau: Les Différents modes d'existence. In: COURTOIS-L'HEUREUX, F.; WIAME, A. *Étienne Sourriau: une ontologie de l'instauration*. Paris: Vrin, 2015b. p. 17-53. Disponível em: <http://www.brunolatour.fr/sites/default/files/98-SOURIAU-FR.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014.

LATOUR, B. The powers of association. *The Sociological Review*, New York, v. 32, S. 1, p. 264-280, 1984. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/19-POWERS-ASSOCIATIONS-GBpdf.pdf>. Acesso em: 22 maio 2017.

LATOUR, B. Why Has Critique Run out of Steam? From Matters of Fact to Matters of Concern. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 30, n. 2, p. 225-248, 2004b. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/89-CRITICAL-INQUIRY-GB.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2022.

LATOUR, B. et al. 'The whole is always smaller than its parts' – a digital test of Gabriel Tarde's monads. *The British Journal of Sociology*, London, v. 63, n. 4, p. 590-615, 2012. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/123-MONADS-BJSpdf.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2017.

LATOUR, B.; STRUM, S. C. Human social origins: Oh please, tell us another story. *Journal of Social and Biological Structures*, Amsterdam, v. 9, n. 2, p. 169-187, abr. 1986. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/20-HUMAN-SOCIAL-GB.pdf>. Acesso em: 30 maio 2017.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *A vida do laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LAW, J. Collateral Realities. In: DOMINGUEZ RUBIO, D.; BAERT, P. (ed.). *The Politics of Knowledge*. London: Routledge, 2011. p. 156-178. Disponível em: <http://www.heterogeneities.net/publications/Law2009CollateralRealities.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2017.

[71]

LEMIEUX, C. À quoi sert l'analyse des controverses? *Mil neuf cent*, Lyon, n. 25, p. 191-212, 1/2007. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-mil-neuf-cent-2007-1-page-191.htm>. Acesso em: 17 jan. 2017.

LEMOS, A. *A comunicação das coisas: Teoria Ator-Rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

MARTINEZ, F. W.; CAMPOS, J. de. A Sociologia de Pierre Bourdieu. *Revista Eletrônica da FEATI*, Paraná, n. 11, jul. 2015. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170601132805.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

MARTUCCELLI, D. Les deux voies de la notion d'épreuve en sociologie. *Sociologie*, Marseille, v. 6, p. 43-60, 2015. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-sociologie-2015-1-page-43.htm>. Acesso em: 2 maio 2016.

MEILLASSOUX, Q. *After finitude: An essay on the necessity of contingency*. London, England: Continuum, 2008.

MOSTAFA, S. P. Um banho de empirismo: de Hume/Deleuze ao empirismo radical de Bruno Latour. *InCid: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, SP, v. 1, n. 1, p. 161-181, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42311/45982>. Acesso em: 27 nov. 2017.

NACHI, M. *Introduction à la sociologie pragmatique*. Paris: Armand Colin, 2006.

NARDACCHIONE, G. El conocimiento científico y el saber práctico en la sociología pragmática francesa: reflexiones sobre la sociología de la ciencia de Bruno Latour y la sociología política de Luc Boltanski. *Apuntes de Investigación del CECYP*, Buenos Aires, ano XIV, n. 19, p. 171-182, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.apuntescecyp.com.ar/index.php/apuntes/article/view/342/322>. Acesso em: 3 out. 2017.

NARDACCHIONE, G.; ACEVEDO, M. H. Las sociologías pragmático-pragmatistas puestas a prueba en América Latina. *Revista Argentina de Sociología*, Córdoba, v. 9-10, n. 17-19, p. 87-118, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/269/26938133006.pdf>. Acesso em: 3 out. 2017.

NASCIMENTO, E. M. M. Pragmatismo: uma filosofia da ação. *Redescrições*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 1-15, 2011. Disponível em: http://www.gtpragmatismo.com.br/redescricoes/redescricoes/ano3_01/3_nascimento.pdf. Acesso em: 14 dez. 2017.

[72]

NÖTH, W.; SANTAELLA, L. *Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação*. São Paulo: Paulus, 2017.

PEIRCE, C. S. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1993.

PINHO, T. A.; HARMAN, G. Graham Harman e a Teoria Social pós-síntese: o olhar orientado ao objeto e suas implicações. *Cadernos de Campo*, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 129-145, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v28i2p129-145. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/164742>. Acesso em: 13 jan. 2022.

POGREBINSCHI, T. A matriz filosófica do pragmatismo. In: POGREBINSCHI, T. *Pragmatismo: teoria social e política*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2005. p. 23-72.

QUINTANEIRO, T.; OLIVEIRA BARBOSA, M. L.; OLIVEIRA, M. G. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

REZENDE, M. V. V. Pierre Bourdieu e o estruturalismo. *Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho*, [s. l.], v. 15, p. 193-204, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6439>. Acesso em: 19 abr. 2022.

SAFFER, D. Why we need to tame our algorithms like dogs. *Wired*, [s. l.], 20 jun. 2014. Disponível em: <http://www.wired.com/2014/06/algorithms-humans-bffs/>. Acesso em: 7 fev. 2018.

SAINT CLAIR, E. *Gabriel Tarde e a comunicação: por um contágio da diferença*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.

[73]

SALGADO, T. B. P.; ALZAMORA, G. C.; JOSEPHSON, J. O sentido comunicacional da hifenização 'ator-rede'. In: ALZAMORA, G. C.; ZILLER, J.; COUTINHO, F. (org.). *Dossiê Bruno Latour*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021. p. 249-278.

SALGADO, T. B. P. A virada não humana na Comunicação: contribuições da Teoria Ator-Rede e da Ontologia Orientada aos Objetos. *Revista ECO-Pós*, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 171-191, 2018a. DOI: 10.29146/eco-pos.v21i2.18146. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/18146. Acesso em: 13 jan. 2022.

SALGADO, T. B. P. *Fundamentos pragmáticos da Teoria Ator-Rede para análise de ações comunicacionais em redes sociais*. 2018b. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B2QM2U>.
Acesso em: 21 jan. 2022.

SALGADO, T.; INÁCIO, P. Les actions sociotechniques des objets connectés: des réflexions à partir de l'Internet des Objets. *Interfaces Numériques*, Marseille, v. 6, p. 187-203, 2017. Disponível em: <https://www.unilim.fr/interfaces-numeriques/2685>. Acesso em: 21 jan. 2022.

SALGADO, T. B. P. S.; MATTOS, M. A. De volta à comunicação: um percurso histórico-etimológico. *Revista Alaic*, São Paulo, SP, v. 18, p. 48-58, 2019. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1588>. Acesso em: 21 jan. 2022.

SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SELGAS, F. J. G. Tres modelos teóricos generales en Sociología: una "des-unidad" articulada. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, Espanha, 151, p. 65-82, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5477/cis/reis.151.65>. Acesso em: 10 maio 2017.

STAVO-DEBAUGE, J. La sociologie dite "pragmatique" et la philosophie pragmatiste, une reencontre tardive. Seminário Pourquoi le Pragmatisme? *Villa Vigoni*, Itália, 15/18 jun. 2012. Disponível em: http://www.academia.edu/2644253/La_sociologie_dite_pragmatique_et_la_philosophie_pragmatiste_une_rencontre_tardive. Acesso em: 5 abr. 2017.

[74] STRATHERN, M. Cortando a rede. In: STRATHERN, M. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. Cap. 10, p. 295-319.

STRUM, S. C.; LATOUR, B. Redefining the social link: from baboons to humans. *Social Science Information*, New York, v. 26, n. 4, p. 783-802, dez. 1987. Disponível em: <http://www.brunolatur.fr/sites/default/files/30-STRUM-LATOUR-SOCIAL-GB.pdf>. Acesso em: 30 maio 2017.

TARDE, G. *Monadologia e sociologia: e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

THIRY-CERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, jan./fev. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003>. Acesso em: 19 abr. 2022.

VANDENBERGHE, F. *Teoria social realista: um diálogo franco-britânico*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Luperj, 2010.

VARGAS, E. Gabriel Tarde e a diferença infinitesimal. In: TARDE, G. *Monadologia e Sociologia: e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 7-50.

VARGAS, E. Multiplicando os agentes do mundo: Gabriel Tarde e a Sociologia infinitesimal. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 172-176, jun. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 out. 2017.

VENTURINI, T.; MUNK, A.; JACOMY, M. Ator-Rede versus Análise de Redes versus Redes Digitais: falamos das mesmas redes? *Galáxia*, São Paulo, SP, n. 38, p. 5-27, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/36645/25694>. Acesso em: 7 fev. 2022.

VIANA, N. *O que é sociologia?* Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ZILSEL. Faire de la sociologie “un pied dedans, un pied dehors”. Le pragmatisme et l’ouverture du répertoire sociologique. *Entretien avec Francis Chateauraynaud*, [s. l.], 16 fev. 2014. Disponível em: <https://zilsel.hypotheses.org/379>. Acesso em: 22 set. 2015.